



DESCOBRINDO A LITERATURA AFRO PARA ALÉM DA ESCOLA

ORGANIZADORAS:

**Ana Patrícia Sá Martins
Sannya Fernanda Nunes Rodrigues
Letícia Aparecida Nunes Moraes
Edilene dos Santos da Silva
Juliene de Jesus Costa**

ILUSTRAÇÃO:

Thaís Cauane da Silva Brito

ANA PATRÍCIA SÁ MARTINS
SANNYA FERNANDA NUNES RODRIGUES
LETÍCIA APARECIDA NUNES MORAES
EDILENE SANTOS DA SILVA
JULIENE DE JESUS COSTA
(ORGS.)

**DESCOBRINDO A
LITERATURA AFRO
PARA ALÉM DA ESCOLA**

EDUEMA

2021

As organizadoras



Ana Patrícia Sá Martins: Doutora em Linguística Aplicada pela UNISINOS-RS. Atua como professora Adjunta no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, e é Professora do Mestrado em Educação (PPGE/UEMA), dedicando-se, principalmente, à pesquisas quanto a formação de professores e metodologias de ensino de Língua Portuguesa e Literatura, sobretudo, nos seguintes temas: Tecnologias e mídias digitais, Gêneros digitais e ensino, Formação de professores, Multiculturalismo e Identidade docente. É líder do grupo de pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas, registrado no Diretório do CNPq.



Sannyá Fernanda Nunes Rodrigues: Doutora em Multimídia em Educação pela Universidade de Aveiro, Portugal (reconhecido pela UFRJ). Pós-doutora na área da Interdisciplinaridade no Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (PGCult/ UFMA), com bolsa CAPES. Atua como Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), ligada ao Departamento de Educação e Filosofia. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Tecnologias Educacionais, Neurociência e Afetividade (GEP-TNA).



Letícia Aparecida Nunes Moraes: Graduanda em Letras Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Bolsista de Iniciação Científica, desde 2019.

As organizadoras



Edilene Santos da Silva: Graduanda em Letras Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



Juliane de Jesus Costa: Graduanda em Letras Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

© copyright 2021 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA

Descobrimo a Literatura Afro para além da escola

EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Ana Lucia Abreu Silva

Ana Lúcia Cunha Duarte

Cynthia Carvalho Martins

Eduardo Aurélio Barros Aguiar

Emanoel Cesar Pires de Assis

Emanoel Gomes de Moura

Fabíola Oliveira Aguiar

Helciane de Fátima Abreu Araújo

Helidacy Maria Muniz Corrêa

Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa

José Sampaio de Mattos Jr

Luiz Carlos Araújo dos Santos

Marcelo Cheche Galves

Marcos Aurélio Saquet

Maria Medianeira de Souza

Maria Claudene Barros

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Wilma Peres Costa

Editoração: Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

Descobrimo a literatura afro para além da escola [recurso eletrônico] / organizadoras, Ana Patrícia Sá Martins ... [et al.]. – São Luís: EDUEMA, 2021.

109 p.: il. color.

Livro eletrônico

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-89821-33-5

1.Literatura africana. 2.Literatura afro-brasileira. 3.Estudos literários. I. Martins, Ana Patrícia Sá. II. Rodrigues, Sannyá Fernanda Nunes. III. Moraes, Letícia Aparecida Nunes. IV. Silva, Edilene Santos da. V. Costa, Juliene de Jesus. VI.Título.

CDU: 821(6).09

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665



Cidade Universitária Paulo VI – C.P. 09
CEP: 65055-970 – São Luís/MA
www.uema.br - editorauema@gmail.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....07

Dorotea Frank Kersch

**POR UM ESTUDO DECOLONIAL E MULTILETRADO DAS
LITERATURAS AFROS**

.....11

Ana Patrícia Sá Martins e Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues

**ASPECTOS TEMÁTICOS E REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS, A
PARTIR DO ROMANCE *AMADA*, DE TONI
MORRISON.....17**

Letícia Aparecida Nunes Moraes, Tatiana da Silva Pereira,
Ueliton Vanderlei da Silva Júnior, Carmen Botelho de Macêdo da
Silva, Hellen Vitória Queiroz de Brito e Ana Patrícia Sá Martins

**OS DESAFIOS DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE
PRESENTES NA OBRA *CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE*, DE
BUCHI EMECHETA.....32**

Alane Karolliny Souza Costa, Alyne Oliveira Santos, Iolayne
Batista Ferreira, Sara Maria Pereira dos Santos e Ana Patrícia Sá
Martins

**UMA VISÃO DESMISTIFICADA DO COLONIALISMO E DO
PRECONCEITO EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA.....42**

Anayra Andrade Marinho, Adriane Tavares Santos Nogueira,
Hilmara Rocha da Silva, Ilana da Siva Almeida, Rogério Pereira
Guimarães e Ana Patrícia Sá Martins

(RE) DESCOBRINDO QUEM SOMOS EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINE CHIZIANE.....56

Ana Caroline Sousa Fonseca, Daiane do Nascimento Macedo, Edilene Santos da Silva, Lílian Moraes Soares de Sousa, Kenya da Silva Martins e Ana Patrícia Sá Martins

REFLETINDO SOBRE A ESCRIVIVÊNCIA, A PARTIR DA OBRA OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO71

Eva Barbosa de Sales, Bárbara Andressa dos Santos, Tânia Maria Barbosa de Sales e Ana Patrícia Sá Martins

DESDOBRAMENTOS TEMÁTICOS E LINGUÍSTICOS NA OBRA QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA DE JESUS.....79

Aline Sudré dos Santos Lopes, Giovanna Lima Gomes Juliene de Jesus Costa, Thaís Cauane da Silva Brito, Thalía Kaline da Silba Brito e Ana Patrícia Sá Martins

UM NOVO OLHAR AO FEMINISMO COM A OBRA SEJAMOS TODOS FEMINISTAS, DE CHIMAMANDA ADICHIE..... 90

Cintia de Sousa Oliveira, Edinaide Pereira da Silva, Luciara Silva Texeira, Maria das Graças da Silva Rocha dos Reis e Ana Patricia Sá Martins

DISCUTINDO OS ELEMENTOS TEMÁTICOS EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS97

Anne Rayssa de Sousa Brito Callegaro, Irismar Chaves Leal, Janaína Morais de Brito, Jéssica Dias dos Reis, Maria Jordânia Lopes dos Santos e Ana Patrícia Sá Martins

PREFÁCIO

Parece que os negros não têm passado, presente e futuro no Brasil. Parece que sua história começou com a escravidão, sendo o antes e o depois dela propositalmente desconhecidos.
(Kabengele Munanga)

Ainda que nossa pátria seja mestiça, muito da história e cultura dos negros, que tanto ajudaram para construir o país que somos hoje, é negligenciado. De um modo geral, como mostra a epígrafe, pouco falamos do passado, do presente e do futuro dos negros no Brasil. A própria entrada de Zumbi para o calendário escolar data de 2003. Também é desse ano a Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio.

Se, por um lado, nosso país vinha reconhecendo a dívida que tem com os negros, que foram arrancados de sua terra para servirem de mão de obra bruta aqui, fazendo os trabalhos que os brancos ou não queriam ou não tinham condições de fazer, por outro lado, nunca estivemos tão divididos, com os direitos civis sendo tão desrespeitados. Parece que voltamos ao tempo em que temos uma lei para os brancos e outra para os negros. 2020 será o ano não só lembrado pela pandemia, mas pelas mortes de George Floyd, nos EUA, e João Alberto, no Brasil (em Porto Alegre, mais especificamente), ambos sufocados por seu agressor branco. Se George e João Alberto fossem brancos, seu destino teria sido o mesmo?

Esse tipo de questionamento precisa ganhar as salas de aula... não basta não sermos racistas (ou dizer que não somos), precisamos desenvolver uma cultura anti-racista. Para isso, precisamos ouvir os negros e conhecer as histórias de luta, opressão, violência, preconceito e silenciamento que têm para contar. Uma boa forma de conhecer “o passado, presente e futuro”, para, então, respeitá-los naquilo que eles são e têm para contribuir é por meio da literatura, mais especificamente da literatura que eles produziram e produzem.

Como podemos trabalhar com literatura africana e criar impacto com o que fazemos na sala de aula para além dela? É o que as professoras Ana Patrícia Sá Martins e Sannyá Fernanda Nunes Rodrigues, da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, propuseram aos seus alunos de Literatura Africana em 2020.

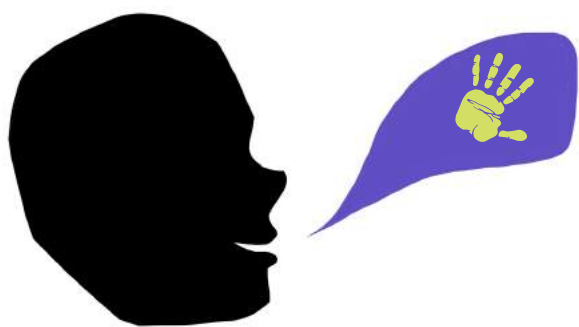
Em função da pandemia provocada pelo novo Corona Vírus. Os trabalhos tinham de ser feitos na modalidade remota, e aquilo que poderia ter sido ‘só’ mais uma disciplina, acabou se tornando uma oportunidade de juntar tecnologia, literatura, multimodalidade, escrita, língua portuguesa..., com a criação de um produto final, este e-book, que será distribuído às escolas.



Alinho-me a Kirkland (2019), quando diz que

Letramento não é apenas sobre palavras, línguas ou salas de aula. Está ligado ao nosso cotidiano social, à nossa vida emocional e cultural. É sobre humanos, mais conectados aos nossos impulsos e esforços do que nossas ferramentas e tecnologias. Abordagens dominantes de letramento, no entanto, reconhecem apenas alguns de nós como humanos. (KIRKLAND, 2019, p. 10).

Para entrar no nosso ‘cotidiano social, nossa vida emocional e cultural’, as professoras trabalharam com seus alunos, em grupos, oito autores e obras: Toni Morrison (Amanda), Carolina Maria de Jesus (Quarto de Despejo), Conceição Evaristo (Olhos D’água), Chimamanda Ngozi Adichie (Sejamos todos feministas), Buchi Emecheta (Cidadã de segunda classe), Paulina Chiziane (O alegre canto da perdiz), Maria Firmina dos Reis (Úrsula) e Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela) (Mayombe), cujas análises vamos encontrar ao longo dos oito capítulos.



Intencionalmente ou não, são sete mulheres negras e um homem. Historicamente, o peso maior recai sobre as mulheres, assim, entende-se perfeitamente a escolha das professoras.

Aos alunos coube a tarefa de ler, estudar e discutir as obras, analisar estilo, linguagem, situando autor e obra no tempo e no espaço. Em seguida, propor atividades que pudessem ser desenvolvidas com alunos do ensino médio. E é isto que os professores das escolas vão receber: um e-book com análises e propostas didáticas para cada uma dessas obras.

Algumas propostas vêm bem na perspectiva do letramento crítico, procurando enxergar além das palavras do texto, identificando diferentes pontos de vista, e relacionando a fatos da realidade, como o assassinato de George Floyd e de Marielle Franco. Ainda que a mídia, de um modo geral, reinscreva e reforce a supremacia branca, o que leva a uma anti-negritude, é nossa tarefa, como educadores, levar os jovens a investigar, desconstruir e reescrever as narrativas que prejudicam as minorias, entre elas, os negros, com os quais temos, sim, uma dívida.

Ainda temos, como dizem os autores do capítulo destinado à análise de Toni Morrison (Amanda), “[...] inúmeras práticas racistas e preconceituosas que, embora apresentadas em um contexto histórico de quase 150 anos atrás, ainda são feridas incuradas na sociedade atual”. Para começar a curar essas feridas, é importante a valorização da leitura literária, em específico a literatura africana. Que as histórias sugeridas e analisadas neste e-book seja um começo para você, professor, não só levar a literatura africana à sala de aula, mas oportunizar aos seus alunos a possibilidade de reverem (pré)conceitos e, juntos, vocês se resignificarem e ajudarem a escrever uma nova página da história do nosso país, onde sejamos não apenas ‘não racistas’, mas, acima de tudo, anti-racistas.

Dorotea Frank Kersch

(Professora do PPG em Linguística Aplicada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS)

Por um estudo decolonial e multiletrado das literaturas afros

Ana Patrícia Sá Martins (UEMA)

Sannya Fernanda Nunes Rodrigues (UEMA)

A pandemia viral decorrente da Covid - 19 desencadeou uma avalanche de mudanças em vários aspectos na vida de todos nós. Sejam profissionais da saúde, da educação, da indústria, sejam donas de casa, trabalhadores informais e/ou estudantes, do ensino básico ou universitário, todos fomos obrigados a nos reinventar e continuar (sobre)vivendo.

Nesse cenário, após os primeiros (e pouquíssimos) meses de decretos de isolamento social, todos nós, de alguma forma, precisamos retomar nossas atividades e continuar a engrenagem social. Diante disso, a Universidade, enquanto instituição política e com compromisso social, atenta aos desafios impostos pela conjectura preconizada pela pandemia da Covid-19 à humanidade, tem buscado alternativas para enfrentar os problemas e dificuldades gerados pela pandemia. Os profissionais da educação têm produzido novos meios e produtos educacionais, garantindo a continuidade das ações e o atendimento dos estudantes da educação básica e do ensino superior.

Nesse contexto, como professoras formadoras de professores, destacamos a Resolução N.º 1421/2020-CEPE/UEMA, a qual visou orientar e sistematizar o formato do ensino remoto emergencial no âmbito da Universidade Estadual do Maranhão.

A partir desta resolução e de cursos on line promovidos pela instituição aos seus docentes, propostas curriculares foram sendo planejadas e desenvolvidas. Ninguém tinha certeza ou garantia de êxito, mas todos estávamos dispostos a, junto com nossos alunos, continuar oportunizando (trans)formações no ensino acadêmico.

Desse modo, o e-book *Descobrimo a Literatura afro para além da escola* é apresentado a toda comunidade escolar, universitária e do ensino básico, como uma proposta formativa desenvolvida com alunos do curso de Letras, os quais, no semestre letivo de 2020.1, estavam matriculados na disciplina de Literatura Africana e também no Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa.

Orientados sob a perspectiva dos multiletramentos e da decolonialidade, convidamos os licenciandos a produzirem um e-book didático, através do qual pudessem ressignificar o estudo de obras literárias de autores africanos e afro-brasileiros, dentro e além das esferas



universitária e escolar, oportunizando a decolonização de práticas epistêmicas hegemônicas que marginalizaram (e marginalizam) saberes e histórias afrodescendentes. Isto é, nossos alunos, agora, iriam construir proposições didáticas ao

estudo de obras literárias afro que pudessem dialogar com a multimodalidade e o multiculturalismo na contemporaneidade, e fazer de suas produções uma forma de colaborar à circulação social e gratuita do conhecimento acadêmico para escolas da rede básica.

Assim, organizados em equipes, as duas turmas de Letras, do 5º e 7º período, produziram colaborativamente capítulos didáticos. Foram selecionadas e distribuídas as obras literárias às equipes de alunos. Cada equipe ficou responsável em ler uma obra ao longo da disciplina, atentando para uma responsividade docente no ato da leitura empreendida. No total, tivemos oito capítulos didáticos, os quais abordavam a leitura literária dos livros: *Amada*, de Tony Morrison; *Sejamos todas feministas*, de Chimamanda Adichie; *Cidadã de Segunda Classe*, de Buchi Emecheta; *Mayombe*, de Pepetela; *O Alegre canto da perdiz*, de Pauline Chiziane; *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo; *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus; e *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

Não foi um percurso fácil chegarmos até aqui! Para a produção dos capítulos, criamos no Skype e no Whatsapp o espaço de comunicação, interação direta com os representantes das equipes. Estes espaços funcionaram como nossos centros de pesquisa, afinal, deles partiam as principais decisões para a definição das atividades de construção do e-book didático na plataforma digital Canva: o layout dos capítulos, os tipos de fontes das letras, tamanho, cores, marcas d'água das páginas, ilustrações, capa, contracapa, entre outros aspectos.



Considerando a criatividade e autoria que a plataforma Canva permite ao usuário, optamos por não padronizar os capítulos no que se refere ao layout, ilustrações e recursos multimodais inseridos. A orientação primordial foi a de que a identidade de um e-book didático acerca do estudo de literaturas afro para além da

escola fosse percebida em todos capítulos.

Além da orientação quanto à temática do e-book, tivemos a preocupação de situar os licenciandos acerca de uma modalização didática que efetivamente pudesse oportunizar um uso dialógico e responsivo no estudo da linguagem. Por isso, na proposição das atividades, solicitamos aos futuros professores que buscassem refletir acerca dos gêneros discursivos elencados, ao situarem as peculiaridades linguísticas e sociais destes, bem como possíveis propostas para a circulação coletiva das atividades desenvolvidas.

Tendo isso em vista, a obra apresenta-se com oito capítulos, tematizados a partir de uma obra literária afro, no qual discorrem sobre a biografia dos escritores, componentes no estudo do texto literário, atividades de produção e análise do texto literário

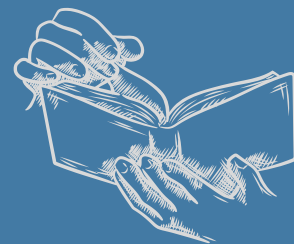


em diálogo com as mídias digitais, reflexões sobre vários tipos de preconceitos que permeiam nossa sociedade (gênero, sexual, etnia, classe, escolaridade, etc.) e, por fim, as referências utilizadas pelos licenciandos na construção do capítulo.

Compreendendo que esse e-book didático não foi produzido apenas por professoras pesquisadoras, mas também COM futuros professores em formação, apresentamos esta obra a toda comunidade escolar, com uma perspectiva clara de língua(gem) em uso, a partir de metodologias que lancem luzes sobre o trabalho docente na contemporaneidade. Diante do exposto, ficam os votos de que, com acertos e falhas, você professor e (futuro) professor, companheiro na luta que é (sobre)viver para uma educação equitativa, possa ter uma leitura agradável, prazerosa, e, sobretudo, que contribua para reavaliarmos e ressignificarmos nossas práticas docentes e a forma como concebemos a necessária inclusão das tecnologias digitais, o que delas advém, bem como uma perspectiva decolonial que vise a não marginalização e silenciamento da produção artística e social afrodescendente.

Assim, esperamos que esse e-book didático possa inspirar novas práticas formativas, uma vez que elas se encontram em nossas atividades sociais e discursivas dentro e fora dos muros escolares.

Boa leitura e um forte abraço, amigo professor!



Letícia Aparecida Nunes Moraes

Tatiana da Silva Pereira

Ueliton Vanderlei da Silva Júnior

Carmen Botelho de Macêdo da Silva

Hellen Vitória Queiroz de Brito

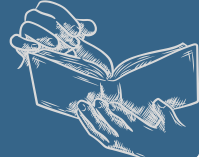
Ana Patrícia Sá Martins

1. Apresentação

Amada é o romance mais conhecido da escritora norte-americana Toni Morrison, e foi escrito em 1987. A história se passa em 1873, dez anos após a abolição da escravidão nos Estados Unidos. Para construir sua narrativa sobre Sethe, personagem principal de *Amada*, Toni Morrison inspirou-se na história de Margaret Garner, uma jovem que, após de escapar da escravidão, matou um de seus filhos (e tentou matar os outros) na tentativa de impedir que fossem devolvidos à plantação do senhor.

Sethe, mulher e ex-escrava, mora com a filha Denver na casa 124, a qual era pertencente a sua sogra Baby Suggs, na cidade de Cincinnati, estado de Ohio. A personagem principal da trama mora na cidade há 18 anos, desde que fugiu da fazenda Doce Lar, ainda grávida de Denver, junto de seus outros três filhos. Inesperadamente e inexplicavelmente, uma jovem chega em Cincinnati e é acolhida por Sethe. Cheia de mistérios, a jovem Amada, traz instabilidade para a relação entre os moradores do 124.

Morrison nos instiga a pensar sobre como a escravidão e a violência contra a população negra, principalmente às mulheres, ainda refletem na sociedade em que vivemos. Ao final do estudo deste capítulo, você será capaz de compreender como temas como o racismo, preconceito e a exclusão social aparecem no romance *Amada*, bem como associar as reflexões feitas a partir da leitura do livro a acontecimentos e reivindicações da contemporaneidade.



2. Conhecendo a autora e a obra

Chloe Anthony Wofford, conhecida como Toni Morrison, nasceu na cidade de Lorain, em Ohio, nos Estados Unidos, no dia 18 de novembro de 1931. Filha de um soldador e de uma dona de casa, foi a segunda de quatro irmãos.

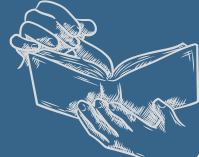
Toni cursou teatro na Universidade de Harvard e ingressou na Faculdade de Letras da Universidade de Cornell, na cidade de Nova York, onde, após a graduação, atuou como professora de inglês no meio acadêmico. Em 1953, cursou o mestrado em literatura na Universidade Cornell, em Ithaca, Nova York. Após nove anos voltada apenas para o ensino, Toni casou-se com o arquiteto jamaicano Harold Morrison, com quem, apesar do curto tempo de relacionamento, teve dois filhos. A autora acabou deixando seu marido quando ainda estava grávida do segundo filho e, a partir de então, passou a trabalhar na editora Random House. Nesse contexto, ela se tornou famosa por sua obra intensa e comovente, na qual ela expressa a vivência das negras norte-americanas ao longo dos séculos XIX e XX.

De 1965 em diante a escritora passou a exercer o ofício de editora de obras ficcionais, até lançar seu primeiro livro, *O Olho mais Azul*, em 1970. A autora lança *Amada*, em 1987, o primeiro volume de uma trilogia celebrada, a qual engloba *Jazz*, publicado em 1992, e *Paraíso*, de 1997. O livro é reconhecido pelos críticos, os quais lhe conferem o Prêmio Pulitzer de melhor ficção, e é considerado o melhor romance americano dos últimos 25 anos pelo periódico norte-americano *The New York Times*.

Toni Morrison



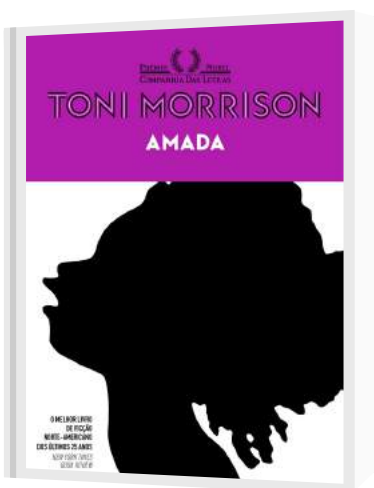
Fonte: Google imagens



Morrison é reconhecida por abordar em suas obras características que se aproximam de suas experiências enquanto mulher negra de origem humilde em um país que passava por problemas econômicos, reconhecido por sua tradição racista. Esta posição tomada por Toni Morrison foi crucial para o seu reconhecimento como uma das melhores escritoras dos últimos tempos, o que lhe proporcionou ser **a primeira mulher negra vencedora do prêmio Nobel de Literatura, em 1993.**

2.1 Resumo de "Amada"

Capa do livro Amada (1987)

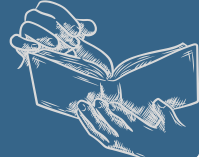


Fonte: Google imagens

Amada é o livro mais conhecido da escritora americana Toni Morrison. A obra recebeu alguns prêmios e foi eleita, em 2006, pelo famoso jornal New York Times, a obra de ficção mais importante dos últimos 25 anos nos EUA. *Amada* se passa alguns anos depois do fim da Guerra Civil Americana, época na qual a escravidão havia sido abolida no país.

O livro vai contar a história de Sethe, uma ex-escrava que fugiu ainda grávida de Denver, sua companheira ao longo da história, e com seus outros três filhos da fazenda onde ela estava presa, e foi buscar sua liberdade na casa de sua sogra, Baby Suggs, em Cincinnati. Após um período morando no 124, ela e Denver são assombradas por uma bebê fantasma. Mais tarde, foi expulsa por Paul D., um outro escravo que conviveu com Sethe na Doce Lar e que passa a morar com a mãe e a menina na cidade.

Após a chegada de Paul D., Amada, uma jovem negra que aparece misteriosamente na cidade, é acolhida na casa de Sethe e acaba mudando a relação entre os moradores da casa. O livro em questão é nada mais do que um clássico contemporâneo que retrata um tempo desumano para os negros no fim do século XIX.



3. A leitura literária

3.1 Figuras de Linguagem

São recursos expressivos empregados para gerar efeitos dos discursos, ampliando a ideia que se pretende passar e que não seria possível com o uso restrito e literal das palavras. A obra *Amada*, de Toni Morrison, possui várias figuras de linguagem, dentre elas, podemos destacar algumas como:

Metáfora Conforme a Gramática Completa Sacconi, essa figura de linguagem "é o emprego das palavras fora do seu sentido normal", uma forma de comparação, mas sem usar "como", "parece", "tanto quanto" (2010, p. 523).

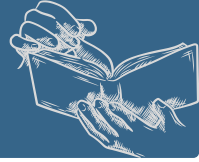
A frase na página 37 do livro: "Os segredos de Dever eram doces.", o narrador compara de forma implícita os segredos com doçura, mesmo sabendo que segredos não são doces, no sentido literal da palavra.

Comparação Consiste em comparar determinadas coisas, com palavras que demonstram isso.

Um exemplo disso está na página 40: "Parecia que eu era só um maxilar frio mastigando". A palavra "parece" dá a entender exatamente a comparação explícita na frase, comparando a pessoa a "um maxilar frio mastigando".

Metonímia Essa figura de linguagem "é a substituição de um nome por outro, em virtude de haver entre eles algum relacionamento.", segundo Sacconi (2010, p. 524).

Na página 98: "[...] ***nós somos carne; carne que chora, ri; carne que dança descalça na relva.***" A palavra "carne" está substituindo a espécie humana.



Personificação

Sacconi reforça que a personificação ocorre quando atribuímos "qualidades e sentimentos humanos a seres irracionais e inanimados" (2010, p. 553).

Está destacada na página 106: ***“Seus pés esperneavam quando Denver chegou junto a ela e depois Amada”***. Neste exemplo, a figura de linguagem está nos pés que esperneiam, ou seja, os pés estão fazendo algo que não é necessariamente possível que façam, que é espernear, desobedecer.

3.2 Importância do espaço e do tempo na obra

A obra *Amada* caracteriza-se como uma narrativa não-linear e fragmentada, visto que os fatos apresentados no romance não são descritos em ordem cronológica. A ordem dos fatos está completamente ligada à memória e aos pontos de vista dos personagens. Assim, o processo de leitura e interpretação torna-se desafiador, uma vez que o leitor precisa esforçar-se para “juntar as peças” apresentadas no texto buscando a construção dos sentidos.

A própria autora, ainda no prefácio do livro, afirma que não existiria uma introdução para a casa, tampouco para o romance: “[...] *Queria que o leitor fosse sequestrado, impiedosamente jogado num ambiente estranho como primeiro espaço para uma experiência comum com a população do livro*” (p. 8-9).

3.3 Oralidade e linguagem presentes na obra

No caso de *Amada*, a autora lança ao público alvo o que as escritoras negras da literatura enfrentavam, como reflexões sobre o que elas eram, o que são hoje e o que podem ser amanhã. Mesmo depois da abolição da escravidão, os negros nos Estados Unidos tinham que obedecer a muitas leis, eram proibidos até de entrar em algumas lojas, restaurantes e vários outros lugares onde outras pessoas podiam andar livremente.



Sethe e Paul D.

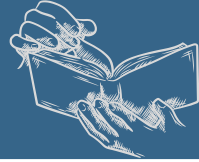
Este modelo de escrita, de descrever seus próprios interesses e se autorretratar, é uma maneira de abolir a política racista. Toni Morrison usa essa linguagem para expressar a consciência de todo um povo na cultura americana e pretende levar o leitor a investigar tais fatos que ocorreram incorporados na condição da mulher negra. O sofrimento enfrentado pelas personagens negras nos mostra uma visão de crueldade e desrespeito ao ser humano. Enfim, podemos concluir que a obra busca compreender um paradoxo da criação e destruição, a relação de mãe e filha, de união e separação.

3.4 Tipo de narrador

O romance *Amada* possui narrador do tipo observador na maior parte de seu texto. Tal recurso possibilita que a autora explore uma das características mais marcantes de sua obra: a alternância de perspectivas. Assim, enquanto a autora apresenta os fatos presentes na vida dos moradores do 124, ela também explora acontecimentos passados da vida dos personagens, ambas narrações em terceira pessoa.



Fonte: Google imagens



Em raras passagens do livro, é possível “acessar” os pensamentos dos personagens através do discurso em primeira pessoa, característico do narrador-personagem. Um exemplo está em:

[...] Ela veio para mim por sua livre vontade e não tenho de explicar coisa nenhuma. Não tive tempo de explicar antes porque tinha de fazer depressa. Depressa. Ela precisava estar segura e eu coloquei ela onde tinha de estar. [...]
(MORRISON, 1987, p. 213)

4. Combatendo preconceitos

4.1 Atividades

Observe abaixo um excerto do livro *Amada* e um trecho de uma notícia acerca dos assassinatos cometidos pela polícia no Brasil, para responder às questões 1 e 2:

Fazia sentido por uma porção de razões porque em toda a vida de Baby, como também na de Sethe, homens e mulheres eram deslocados como se fossem peças de xadrez. Todo mundo que Baby Suggs conhecia, sem falar dos que amou, tinha fugido ou sido enforcado, tinha sido alugado, emprestado, comprado, trazido de volta, preso, hipotecado, ganhado, roubado ou tomado. [...]

MORRISON, Toni. *Amada*, p. 32. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

Negros são 75% dos mortos pela polícia no Brasil, aponta relatório

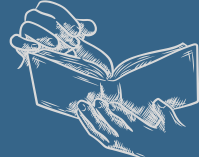
Um relatório produzido pela Rede de Observatórios da Segurança, grupo de estudos sobre violência nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e Pernambuco, reuniu dados que demonstram como a população negra é a principal vítima da violência no país.

Os negros (pretos e pardos) são 75% dos mortos pela polícia. Entre as vítimas de feminicídio, 61% são mulheres negras. Enquanto a taxa geral de homicídios no Brasil é de 28 pessoas a cada 100 mil habitantes, entre os homens negros de 19 a 24 anos esse número sobe para mais de 200. [...]

Saiba mais:

Clique no link abaixo para ler a matéria completa:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/07/15/negros-sao-75-dos-mortos-pela-policia-no-brasil-aponta-relatorio.htm>



Agora responda:

1. Que figura de linguagem pode ser destacada no trecho “[...] homens e mulheres eram deslocados como se fossem peças de xadrez. [...]”? A que situação o uso dessa figura de linguagem remete?

2. Considerando que o livro de Toni Morrison é ambientado nos Estados Unidos, em 1873, logo após a abolição da escravidão, e os dados apontados pela Rede de Observatórios é de julho de 2020, responda:

a) Embora sejam de períodos muito distintos, a violência contra a comunidade negra é evidente em ambos os textos. Que motivos tornam essas práticas cristalizadas na nossa sociedade?

b) Na sua escola, são desenvolvidas atividades e oficinas que têm como objetivo o combate aos preconceitos? Se sim, quais?

3. O romance de Toni Morrison *Amada* relata a vida sofrida de Sethe, uma “mulher preta”, escrava em Ohio. No trecho a seguir do livro, em um diálogo com Paul D, Sethe menciona que foi tão machucada, a ponto de roubarem o leite dela enquanto estava grávida de sua filhinha Denver, vejamos:



Fonte: Google Imagens

“Depois que eu deixei vocês, aqueles rapazes entraram lá e tomaram meu leite. Foi para isso que eles entraram lá. Me seguraram e tomaram. Conte para mrs. Garner o que eles fizeram. Ela ficou com um nó, não conseguia falar, mas dos olhos rolaram lágrimas. Os rapazes descobriram que eu tinha contado deles. O professor fez um deles abrir minhas costas e quando fechou fez uma árvore. Ainda crescendo aqui.”

“Usaram o chicote em você?”

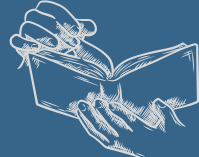
“E tomaram meu leite.”

“Bateram em você e você estava grávida?”

“E tomaram meu leite!”

MORRISON, Toni. *Amada*, p. 25. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

Em contrapartida, a letra da música de Dandara Manoela, “Retrato Falado”, nos conta sobre o relato de sua avó que:



“Ela apanhava tanto até a alma sangrar, mulher
E a menina filha, vó, debaixo da mesa, observava o
derramar
Escondida, encolhida, com coberta de sangue, tremia de
medo”

Responda, na sua opinião, que pontos são comuns
entre o trecho do livro e a música?

Saiba mais:

Confira a música Retrato
Falado clicando no link:



[https://www.youtube.com/
watch?v=FKPkZrOIcNk](https://www.youtube.com/watch?v=FKPkZrOIcNk)

4. Os dois fragmentos abaixo falam sobre a discriminação racial. Com base no seu conhecimento e nos trechos abaixo, é correto afirmar que a discriminação racial é resultado de um processo histórico? Comente sua resposta.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

(Nelson Mandela – citado em: SILVA, Aida M. M. Apresentação. In: SILVA, Aida M. M.; TIRIBA, Léa (orgs.). Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2015. p. 08)

“[...] E de pai pra filho, o racismo passa
Em forma de piadas que teriam bem mais graça
Se não fossem o retrato da nossa ignorância
Transmitindo a discriminação desde a infância
E o que as crianças aprendem brincando
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
Qualquer tipo de racismo não se justifica
Ninguém explica
Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural [...]”

(GABRIEL O PENSADOR. Lavagem Cerebral. Álbum: Gabriel O Pensador. Sony Music, 1993. CD)

5. Releia este trecho do livro:

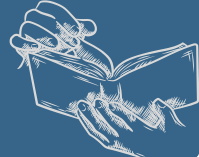
[...] Mesmo os pretos educados: os sujeitos escolados, os doutores, os professores, os jornalistas e os homens de negócios tinham uma longa linhagem de enxada. Além de usarem a cabeça para progredir, tinham o peso da presença de uma raça inteira. Era preciso duas cabeças para isso.

MORRISON, Toni. Amada, p. 211. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

Nelson Mandela



Fonte: Google Imagens



a) Na sua opinião, o que a autora quis dizer com “Mesmo os pretos educados [...] tinham uma longa linhagem de enxada [...]”?

b) Segundo a autora, “Além de usarem a cabeça para progredir, tinham o peso da presença de uma raça inteira”. Explique.

7. Leia os trechos a seguir e responda a seguinte questão:

“Aqui”, dizia ela, “aqui neste lugar, nós somos carne; carne que chora, ri; carne que dança descalça na relva. Amem isso. Amem forte. Lá fora não amam a sua carne. Desprezam a sua carne. Não amam seus olhos; são capazes de arrancar fora os seus olhos. Como também não amam a pele de suas costas. Lá eles descem o chicote nela. E, ah, meu povo, eles não amam as suas mãos. Essas que eles só usam, amarram, prendem, cortam fora e deixam vazias. Amem suas mãos! Amem. Levantem e beijem suas mãos. Toquem outros com elas, toquem uma na outra, esfreguem no rosto, porque eles não amam isso também. Vocês têm de amar, vocês! [...]

MORRISON, Toni. *Amada*, p. 98. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

“Pessoas negras. Eu amo vocês. Eu nos amo. Nossas vidas importam. Vidas negras importam” (ALICIA GARZA, 2013)



Alicia Garza é americana, ativista dos direitos civis e cofundadora do movimento Black Lives Matter

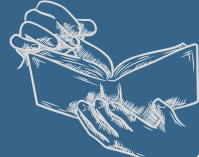
Na sua opinião, qual a relação entre o trecho do livro *Amada*, de Toni Morrison e a postagem da ativista e professora Alicia Garza?

Saiba mais:



Alicia Garza, a ativista cuja mensagem nas redes deu origem ao ‘Black Lives Matter’

<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-11/alicia-garza-uma-ativista-para-o-seculo-digital.html>



4.2 Diálogos com a contemporaneidade

BLACK LIVES MATTER

É um movimento internacional conhecido em todo mundo; e que no Brasil é traduzido como "Vidas Negras Importam", o qual originou-se no meio da comunidade afro-americana com a intenção de lutar contra a violência aos negros.

O Black Lives Matter cria uma série de protestos em torno das mortes injustas de negros causadas por policiais, além de tratar de outros problemas como a discriminação racial, a extrema brutalidade policial e a desigualdade dentro do sistema de justiça criminal dos EUA.

Lewis Hamilton também manifestou-se a favor do movimento.

Fonte: Google imagens



Do lado esquerdo da ilustração, George Floyd e do lado direito, João Pedro.

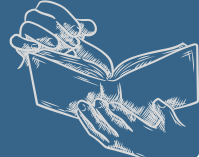


Fonte: Google imagens

No ano de 2020, o movimento recebeu uma atenção maior com a morte de George Floyd, que foi asfixiado até a morte por um policial branco, o qual se ajoelhou no pescoço de Floyd durante uma abordagem policial. Conforme o policial, Floyd teria usado uma nota falsa de 20 dólares em um supermercado. O fato fez com que vários protestos contra o racismo ocorressem nos Estados Unidos.

No Brasil, no mesmo ano, destacamos dentre muitos casos a morte de João Pedro, um jovem de 14 anos que foi morto por policiais do Rio de Janeiro durante uma operação. Segundo informações, a casa do jovem foi invadida por policiais que, mesmo ouvindo os gritos das crianças que ali estavam, não pararam de atirar, o que acabou culminando na morte do adolescente, com um tiro de fuzil nas costas.

Seja nos Estados Unidos, no Brasil ou em qualquer parte do mundo, a pergunta que fazemos diariamente é: até quando a comunidade negra terá de aguentar tamanha violência?

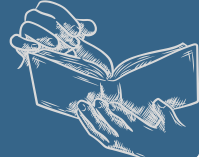


5. Algumas reflexões

A partir do estudo de *Amada* (1987), percebemos como inúmeras práticas racistas e preconceituosas, embora apresentadas em um contexto histórico de quase 150 anos atrás, ainda são feridas incuradas na sociedade atual. Assim, percebemos a importância da valorização da leitura literária, em específico a literatura africana. Eduardo de Assis Duarte (2011) afirma que a literatura africana “não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.” (p. 1). É a partir da década de 1980 que essa produção artística começa a ser representada e, desde então, tem se destacado e ganhado nome na literatura.

O livro de Toni Morrison, estudado neste capítulo, traz assuntos polêmicos e indispensáveis para debate, como por exemplo: a escravidão, a violência, a segregação social e a voz da mulher negra frente a essas questões.

A importância da leitura e análise de obras como *Amada* servem para guiar-nos a uma reflexão acerca de comportamentos e injustiças que fizeram parte do passado e refletem no nosso presente. A autora decide terminar a obra em terceira pessoa: “essa não era/ não é uma história para passar adiante.” (p. 289). Embora Morrison encerre sua obra dessa maneira, compreendemos que ela entende a importância desse diálogo, visto que Morrison constrói *Amada*, justamente para dar voz à comunidade afro-americana. A autora vai recuperando as vivências dos negros norte-americanos e faz uma problematização com a universalidade da voz, da razão e da ética. Desse modo, é indispensável o estudo de obras e autores afros, para, assim, termos uma postura crítica e reflexiva em relação à literatura e aos problemas étnico-raciais, posto que, embora livres, a comunidade negra ainda luta por direitos básicos atualmente.



6 REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: Contexto, Interlocução e Sentido**. São Paulo: Editora Moderna, 2013, 2ª ed.

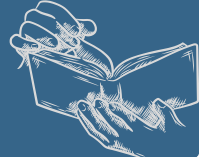
BBC NEWS (Brasil). **George Floyd: O que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida**. BBC NEWS BRASIL, Brasil, 31 maio 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>. Acesso em: 31 de out. de 2020.

CRUZ, Viriato da (angolano) In: APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Orgs.). **Poesia africana de língua portuguesa: antologia**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 56-57. (Fragmento).

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Literafro, Belo Horizonte, 2011. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/Artigoeduardo2conceitodeliteratura.pdf>. Acesso em 01 de nov. de 2020.

FELIX, Iara. **Análise Crítica da obra de Toni Morrison - AMADA - e interlocuções com os textos da historiadora Joan Wallach Scoot**. Disponível em: <https://negriara.wordpress.com/2012/01/08/analise-critica-da-obra-de-toni-morrison-amada-e-interlocucoes-com-os-textos-da-historiadora-joan-wallach-scoot/>. Acesso em 22 de out. de 2020.

FERREIRA, Yuri. **João Pedro: Morto em operação policial no meio da pandemia, levou tiro nas costas, diz laudo**. Hypeness, Brasil, Maio 2020. Debate. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/05/joao-pedro-morto-em-operacao-policial-no-meio-de-pandemia-levou-tiro-nas-costas-diz-laudo>. Acesso em: 31 de out. de 2020.



GRELLET, F. Negros são 75% dos mortos pela polícia no Brasil, aponta relatório. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo. 15 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,negros-sao-75-dos-mortos-pela-policia-no-brasil-aponta-relatorio,70003364720>> Acesso em: 30 de out. de 2020.

HENDERSON, Carol E. **Scarring the Black Body: Race and Representation in African American Literature**. Columbia: University of Missouri Press, 2002.

MANOELA, D. **Retrato Falado**. Florianópolis: Sympla, 2018. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/dandara-manoela/retrato-falado/>. Acesso em 28 de out. de 2020.

MORRISON, Toni. **Amada**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

NICKEL, VIVIAN. **Corpo e memória em Beloved, de Toni Morrison**, 2009, p 1-38, (Tese de graduação em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática Completa: Teoria e Prática**. São Paulo: Nova Geração, 2010, 30^a ed.

CIDADÃ DE
SEGUNDA CLASSE
BUCHI EMECHETA



CAPÍTULO 2

Os desafios da mulher negra na sociedade presentes na obra *Cidadã de Segunda Classe*, de Buchi Emecheta



Alane Karolliny Souza Costa
Alyne Oliveira Santos
Iolayne Batista Ferreira
Sara Maria Pereira dos Santos
Ana Patrícia Sá Martins

1. Apresentação

A obra a ser estudada neste capítulo tem como título *Cidadã de Segunda Classe*, e foi escrita pela autora nigeriana Buchi Emecheta. O livro nos conta a história de Adah, mostrando as dificuldades que uma mulher negra tinha que enfrentar naquela época, tanto em meio ao seu povo, como quando se muda para outro país em busca de um futuro melhor, mas, ao longo do caminho, se depara com uma sociedade totalmente preconceituosa, tendo que conviver com vários problemas, entre eles um casamento violento.

Diante disso, com base na obra apresentada acima, este capítulo terá como temática os desafios enfrentados pela mulher negra na sociedade daquela época, e também serão abordados temas como o feminicídio, um crime que ocorre a cada dia com mais frequência no Brasil, assim como a violência contra a mulher, verbal e física, algo que tem se tornado comum no dia a dia da sociedade atual.

Nosso objetivo é utilizar o conteúdo da obra para discussão quanto à representação da mulher negra na sociedade; instruindo os alunos, a fim de que eles possam produzir textos de opinião que combatam o preconceito; e, assim, ainda estimular a leitura de obras africanas e afro-brasileiras.

VOCÊ SABIA?

A cada hora, 536 mulheres são agredidas no Brasil. Muitas são vítimas de seus próprios companheiros e por dependerem financeiramente deles não conseguem se livrar do ciclo da violência doméstica – que leva cerca de 13 mulheres à morte todos os dias. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil tem a quinta maior taxa de feminicídios no mundo: 4,8 para 100 mil mulheres.

Saiba mais em: https://changebrasil.org/2020/03/06/pelo-fim-da-violencia-contr-a-mulher/?gclid=Cj0KCQjAwMP9BRCzARIsAPWTJ_HY_46yrVFRyoskt5rX3QB5H2q0IzTRbZxJT9OJxKiJGH8o-RpTFKgaAifgEALw_wcB





2. Conhecendo o autor e a obra

Buchi Emecheta foi uma escritora africana, que nasceu em 21 de Julho de 1944, na cidade iorubá de Lagos, mas foi na cidade de Ibadan, terra natal de seus pais, onde ela passou a maior parte da sua infância. Buchi estudou em uma escola missionária para meninas, na qual aprendeu línguas nativas e o inglês, o seu quarto idioma. Apesar de ter vivido uma infância dura e ter perdido seu pai aos oito anos de idade, Buchi nunca desistiu daquilo que almejava. Em 1954, ganhou uma bolsa de estudos para uma escola de elite em Lagos.

Aos dezesseis anos, Buchi já estava casada com Sylvester Onwordi. Eles se mudaram para Londres e tiveram cinco filhos, mas o casamento era infeliz, abusivo e violento. Por isso, aos vinte e dois anos, Buchi consumou o divórcio e seu ex-marido renegou a paternidade dos filhos. Sozinha e sem dinheiro, em um país estranho com cinco filhos para cuidar, Emecheta trabalhou na Biblioteca de Londres, e, em 1974, se graduou em Sociologia. Logo depois, foi colunista no periódico inglês *New Statesman*, em que escreveu sobre suas experiências pessoais. Os textos tornaram-se a base do primeiro livro, *Na vala* (1972), e, dois anos depois, publicou *Cidadã de Segunda Classe*.

Em janeiro de 2017, aos setenta e dois anos, Emecheta faleceu. No total, ela escreveu quinze romances e uma autobiografia, além de peças de teatro e livros infantis. Sua obra expandiu as representações da mulher africana ao redor do mundo, estabelecendo-a como uma das melhores contadoras de história de seu tempo.



Figura. 1 - Buchi Emecheta

Saiba mais sobre a autora em:

<https://www.taglivros.com/blog/quem-foi-buchi-emecheta-a-influente-escritora-nigeriana-recem-lancada-no-brasil/>





O livro *Cidadã de Segunda Classe* conta a história de Adah, uma mulher negra, que desde quando era apenas uma garotinha já lutava por seus sonhos. A narrativa se passa, primeiramente, em Ibuza, na Nigéria. A personagem vive em uma época em que a mulher era totalmente desvalorizada, em que o preconceito racial era comum e aceito por grande parte da sociedade, incluindo os próprios negros.

A história tem início quando Adah tem apenas oito anos. Ela tinha um grande desejo de poder estudar, pois naquela época a educação era priorizada apenas para os filhos do sexo masculino. Com muita persistência, Adah consegue entrar em uma escola metodista só para meninas, após a morte de seu pai. Quando sai da escola, Adah vai em busca de um homem para se casar, para que não precise voltar a morar com seus parentes, já que a sua mãe também faleceu. Adah se casa com Francis, e, por ter conseguido um bom emprego, teve que sustentar toda a família, pagando pelos estudos de seu marido e de suas cunhadas.

Após um tempo, Francis se muda para o Reino Unido, e Adah vai logo depois com seus dois filhos, pois eles acreditavam que lá teriam uma vida melhor, porém, ao chegarem, se deparam com várias dificuldades. Adah vive uma grande luta, enfrentando uma gravidez indesejada, um casamento totalmente violento e abusivo, em que seu marido não se importa com o bem estar dela, nem de seus filhos. Como relatado no trecho a seguir:

“Adah ficou feliz quando Pa Noble subiu, porque pelo menos assim Francis parou de espancá-la. Estava atordoada de dor, e sua cabeça vibrava. A boca sangrava. Uma ou duas vezes ao longo do processo sentiu-se tentada a correr para fora e chamar a polícia. Mas refletiu e se conteve. Para onde iria depois? Não tinha amigos nem familiares em Londres.” (EMECEHTA, 1974, p.176)

Nesta fala de Adah, podemos ver o ápice dos abusos e a violência que ela sofria. Isso ocorreu quando ela viu a oportunidade de evitar uma quarta gravidez, que poderia atrapalhar seus objetivos profissionais. Para ela ter esse controle, precisaria da assinatura de Francis, seu marido, como uma forma dos médicos entenderem o consentimento do casal em não ter mais um filho. Sabendo que Francis não autorizaria aquilo, pois acharia que ela poderia ter vínculos com outros homens, Adah falsifica a assinatura de seu marido.





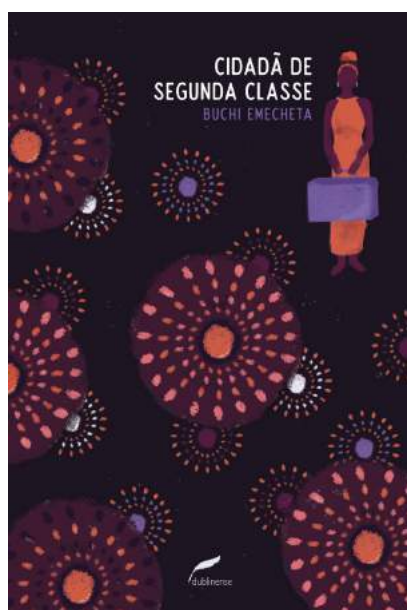
Contudo, logo depois, Francis desconfia de suas atitudes, e acaba descobrindo o que sua esposa havia feito. A partir daí, eles iniciam uma briga, na qual Francis começa a gritar com Adah e espancá-la. No trecho a seguir, é possível verificarmos a descrição do acontecido:

“Adah ficou um pouco assustada com o gesto de Francis. Em casa ele nem pensaria em espancá-la, porque a mãe e o pai dele não teriam permitido. Para eles, Adah era uma espécie de galinha dos ovos de ouro. Pelo jeito, na Inglaterra Francis não estava interessado em saber se ela punha os ovos de ouro ou não. Finalmente estava livre dos pais, estava livre para fazer o que bem entendesse, e nem centenas de Adahs juntas haveriam de podar sua nova liberdade. O feio olhar de fúria que ele dirigiu a Adah deixou isso claro” (EMECEHTA, 1974, p.45)

A situação relatada no trecho do livro desperta nossa atenção para algo que ainda acontece, inclusive no Brasil, com muitos relacionamentos abusivos, em que o homem sujeita a mulher a constantes agressões verbais, como humilhações, xingamentos ou partindo para agressões físicas. Além do mais, são constantes os casos de feminicídio, onde muitas mulheres são mortas pelo seu companheiro por motivos fúteis como ciúmes, ou a não aceitação pelo término do relacionamento.

QUER SABER MAIS SOBRE O FEMINICÍDIO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?

Acesse o site: https://changebrasil.org/2020/03/06/pelo-fim-da-violencia-contr-a-mulher/gclid=Cj0KCQjAwMP9BRCzARIsAPWTJ_HY_46yrVFRyoskt5rX3QB5H2q0IzTRbZxJT9OJxKijGH8o-RpTFKgaAifgEALw_wcB



Para ter acesso ao livro **Cidadã de Segunda Classe**, de Buchi Emecheta, baixe o mesmo em PDF pelo

link: <https://docero.com.br/doc/ns8sxce>

Se preferir tê-lo em mãos, acesse:

<https://www.amazon.com.br/Cidad%C3%A3-segunda-classe-Buchi-Emecheta/dp/858318111X>





3 . A Leitura Literária

A obra *Cidadã de Segunda Classe*, de Buchi Emecheta, está classificada dentro da Literatura Feminina Negra e entende-se que a autora deseja conversar com o seu leitor e deseja trazê-lo para dentro da sua história e suas memórias, utilizando aspectos da sua biografia, trazendo algumas características da sua terra natal, Nigéria, e as migrações dela para o Reino Unido.

Para a compreensão sobre a linguagem utilizada neste livro, é necessário entender, primeiramente, alguns aspectos sobre **oralidade** e **escrita**.

- **Como entender esses aspectos?**

De acordo com Mateus Bunde (2014), a oralidade e a escrita são duas formas de variação linguística, em que a oralidade é geralmente marcada pela linguagem informal, enquanto a escrita está, comumente, associada a linguagem formal. As marcas da oralidade estão presentes na obra de Buchi Emecheta, pois ela transcreve o falar cotidiano das pessoas na escrita de seu livro, de forma que será perceptível essa característica.

Outro elemento primordial nos textos narrativos é o **Foco Narrativo**, que vai determinar o tipo de narrador de uma narração.

- **Mas o que é uma Narração?**

De acordo com Marcia Fernandes (2017), narração ou texto narrativo é o relato feito por uma pessoa relacionado a algo, e através de uma sequência de acontecimentos. Essa sucessão de acontecimentos é chamada de enredo, e considera um período de tempo e de espaço, ou seja, quando e onde acontece a ação dos personagens.

- **Vamos identificar quais são os tipos de narrador?**

Narrador Personagem: Esse tipo de narrador é um dos personagens da história e essa história é narrada em 1ª pessoa do singular ou plural, no caso, o “eu” e “nós”.





Narrador Observador: Esse tipo de narrador apresenta um texto narrado em 3ª pessoa (ele, eles). O narrador conhece a história, mas não participa dela, ou seja, ele não é um personagem.

Narrador Onisciente: Esse tipo de narrador é aquele que conhece toda a história e que possui conhecimentos sobre todos os personagens e seus pensamentos e sentimentos de todos os períodos temporais. Pode ser narrado tanto em 1ª pessoa (quando esse apresenta pensamentos dos personagens) como em 3ª pessoa.

No livro *Cidadã de Segunda Classe*, é possível classificar vários momentos marcantes, como o patriarcado na terra de origem e uma acolhida fria entre os conterrâneos imigrados, ressaltando o que de fato a protagonista é na Inglaterra: uma cidadã de segunda classe, pois o fato dela ser uma mulher, negra, imigrante e viver em condições deploráveis, só retoma o que o título do livro anuncia.

É possível observar que a protagonista começa a fazer comparações dela mesma e do que ela percebe ser uma cidadã de primeira classe, quando, por exemplo, enxerga a comunidade ao seu redor e os privilégios dos cidadãos brancos e nativos. Com isso em mente, a narradora do livro é onisciente, pois conhece toda a história e vai apresentando os pensamentos e sentimentos dos personagens.

Também é possível destacar no livro um recurso textual utilizado com bastante frequência que é a **Intertextualidade**.

- **Mas o que é isso?**

Intertextualidade: é um recurso utilizado entre textos, em que há uma relação entre eles, ou seja, é um diálogo entre textos. No livro de Emecheta, podemos destacar esse diálogo com a Bíblia sagrada, onde a autora cita alguns trechos bíblicos trazendo-os para sua realidade. Como nos exemplos abaixo:

“Jesus não havia dito que não se deve roubar? Mas ela estava segura de que em algum lugar da Bíblia estava escrito que era possível ser tão esperto quanto a serpente, mas tão inofensivo quanto a pomba”.

(EMECHETA, 1974. p. 22)





“Mas espere um pouco, pensou Adah, por acaso Jesus não dissera aos fariseus que era preciso dar a César o que era de César e a Deus o que era Dele? Bem, era isso que eles estavam fazendo. Ela poderia citar o Livro Santo em defesa de seu ponto de vista. Não havia por que se preocupar”.- (EMECHETA, 1974. p. 34)

Em textos literários, sabemos que é muito comum o uso da **linguagem figurada** como parte da linguagem conotativa. Essa estratégia estilística é comum quando os autores querem atribuir novos significados às palavras.

Eufemismo é uma figura de linguagem para suavizar o discurso e torna a mensagem menos desagradável, embora o sentido essencial da mensagem permaneça inalterado. Logo abaixo, temos um exemplo dessa figura:

“Você é miúda, e garanto que Trudy vai lhe ensinar uma lição”.- (EMECHETA, 1974, p. 77)

No livro, esse termo em destaque utilizado pelo marido de Adah significa mais como uma ameaça que ela iria sofrer caso ela enfrentasse a cuidadora de seus filhos, do que propriamente uma lição de casa, por exemplo, essa lição seria no sentido de confronto e briga. Por isso, o termo utilizado é amenizado.

É importante perceber que o livro traz consigo a autobiografia da autora com um pouco de ficção por ter os nomes alterados, mas a obra é inspirada na vida de Buchi Mecheta. A leitura é dinâmica e tem um viés que se apropria de uma linguagem coloquial e traz no enredo a oralidade africana, que dá legitimidade a inserção da mulher negra nessa nova sociedade, pois a protagonista da obra fala em nome de todo um povo e um grupo social. Dizer que esses sujeitos não são anônimos é uma forma dela expressar e se colocar em uma sociedade que deseja torná-la invisível, mas ela precisa e decide ser uma voz e faz com que sua voz seja ouvida.





4. Combatendo Preconceitos

Nesse capítulo abordamos a obra *Cidadã de Segunda Classe*, e um pouco sobre sua autora, Buchi Emecheta, que a partir da sua própria história e através da sua escrita expandiu a representação da mulher africana. Pensando em propiciar ainda mais conhecimento e debates sobre essa temática e a trajetória do povo africano, propomos a exibição do filme “Rainha de Katwe”, este também baseado em fatos reais, trata da história de Phiona Mutesi e como o xadrez tornou-se a chave para que ela mudasse sua vida, posteriormente, a execução de quatro atividades a serem trabalhadas em sala de aula; e a palestra de Jessica Aronis, disponível na plataforma do TEDxSãoPaulo, sobre o momento de sua vida em que sofreu violência doméstica. Posteriormente, a execução de três atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula.

ATIVIDADES

Abaixo, propomos três atividades que podem ser distribuídas a cada equipe ou selecionadas para serem sugeridas a todas.

1ª – Pesquisem fotos, vídeos e curiosidades sobre países africanos, sobretudo, aqueles com a maioria negra, visando evidenciar a História africana sob uma visão de valorização multicultural. Em seguida, socialize com a turma, a partir de apresentações em slides, em murais com papéis e/ou pequenos vídeos gravados por vocês.

2ª – Com base no filme “Rainha de Katwe” e no livro “Cidadã de Segunda Classe”, selecionem trechos das obras, adaptando-os para um curta-metragem. Inicialmente, produzam um roteiro com as ideias e o foco da história que será contada. É importante que nessa adaptação, a equipe pense em algo que dialogue também com realidade social vivenciada em seu contexto escolar, da sua cidade, etc. O curta-metragem pode ser de 5 a 10 min e precisa ser socializado com os colegas.





3ª – A partir do discutido acerca do livro foco desse capítulo, sugerimos que produzam um minidocumentário com o tema “Violência doméstica/Feminicídio”. Para isso, solicitamos que assistam à palestra de Jessica Aronis, intitulada “Minha historia de amor virou um pesadelo”, buscando identificar possíveis diálogos entre o abordado na palestra e a temática no livro. Posteriormente, a equipe pesquisará dados oficiais sobre a violência doméstica e o feminicídio no país, no seu estado e em sua cidade, para, então, produzir o minidocumentário. Após produzi-lo, socializem com todos.

SAIBA MAIS

Para assistir ao filme “Rainha de Katwe”, você pode acessar:

<https://www.telecineplay.com.br>

Para assistir à palestra de Jessica Aronis você pode acessar:

<https://www.youtube.com/watch?v=FFdgiQgyQNg>

6 . Algumas Reflexões

É de suma importância que as Literaturas Africanas e Afro-brasileira sejam trabalhadas em sala de aula, pois o ponto principal abordado é a luta do povo negro diante dos preconceitos, da dificuldade na obtenção de direitos e da busca pela valorização na sociedade. No caso do livro *Cidadã de Segunda Classe*, de Buchi Emecheta, a autora retrata esses problemas enfrentados pelo povo negro, focando principalmente na vida mulher negra, que, além de sofrer os preconceitos da sociedade, ainda sofria agressões de seu próprio esposo.

Diante disso, a leitura dessa obra pode ser uma porta de entrada na literatura africana, pois, ao ser lida pelos estudantes, pode trazer um vasto conhecimento sobre como os negros e as mulheres sofriam naquela época, fazendo com que eles reflitam sobre o passado, e assim percebam como todos esses preconceitos ainda estão tão presentes na sociedade atual. Que possa ainda ser um incentivo para que eles repensem seu papel na sociedade e contribuam transformando paradigmas.





6 . Referências

BUNDE, Mateus. **Oralidade e escrita**. Todo Estudo, 2020. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/portugues/oralidade-e-escrita/> Acesso em 22 de Outubro de 2020.

DIANA, Daniela. **Intertextualidade**. Toda Matéria, 2019. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.todamateria.com.br/intertextualidade/amp/> Acesso em 26 de Outubro de 2020.

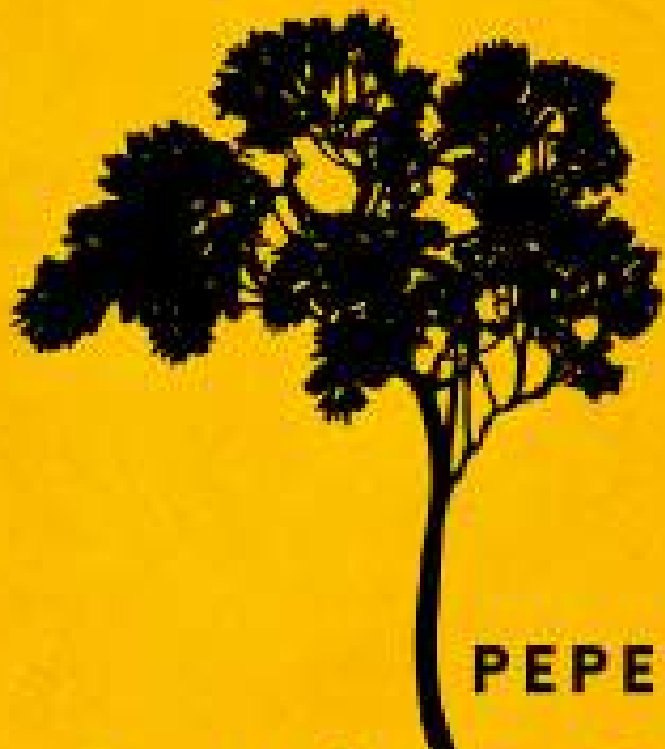
EMECHETA, Buchi. **Cidadã de Segunda Classe**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

FERNANDES, Márcia. **Narração**. Toda Matéria, 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/narracao/> Acesso em 22 de Outubro de 2020.

INSTITUTO UNIBANCO. **Confira os 10 projetos selecionados pelo edital Gestão Escolar para Equidade – Juventude Negra**. 13 de março de 2017 > Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/confira-os-10-projetos-selecionados-pelo-edital-gestao-escolar-para-equidade-juventude-negra/> Acesso em 28 de outubro de 2020.

MACIEL, Ruben. **Cidadã de Segunda Classe, Buchi Emecheta**, 2020. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=ZrQfBRV6QhU> Acesso em 22 de Outubro de 2020





PEPETELA

MAYOMBE



Uma visão desmistificada do colonialismo e do preconceito em *Mayombe*, de Pepetela



Anayra Andrade Marinho

Adriane Tavares Santos Nogueira

Hilmara Rocha da Silva

Ilana da Siva Almeida

Rogério Pereira Guimarães

Ana Patrícia Sá Martins

1. Apresentação

*“Aos guerrilheiros do Mayombe,
que ousaram desafiar os deuses abrindo
um caminho na floresta obscura,
vou contar a história de Ogun, o Prometeu africano.”*

Neste capítulo, iremos conhecer um pouco mais do livro *Mayombe*, de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela). A obra tem como temática central a luta dos guerrilheiros do Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA), que busca trazer independência a então colônia de Portugal.

Repleto de aventuras e reviravoltas surpreendentes, o enredo busca desenhar diferentes visões a respeito dessa luta ferrenha e tão importante pela liberdade nacional angolana. Considerado leitura obrigatória pela Fundação Universitária (FUVEST), *Mayombe* passou a ser vista como uma das obras da literatura africana mais lidas entre os estudantes.

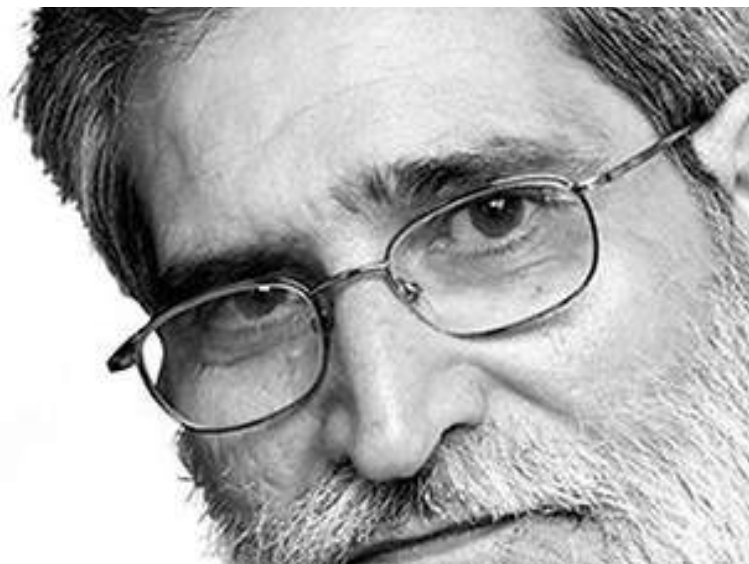
O que você deverá saber ao final deste estudo:

- O que foi o MPLA, qual a importância dele para Angola e como podemos refletir a respeito desse acontecimento;
- Quais são e como se articulam as figuras de linguagem e traços de oralidade presentes no enredo da obra;
- Entender e refletir a respeito das questões raciais presentes no livro, de modo a combater preconceitos.





2 . Conhecendo sobre o autor e a obra



Autor

Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) é um escritor angolano nascido em 29 de outubro de 1941. Participou do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) ao longo dos anos de 1969 a 1974, durante a luta armada em prol da independência de seu país, em 1975. Formado em Sociologia, além de escritor, é também professor, sendo o primeiro angolano a ganhar o Prêmio Camões.

As obras do autor fazem parte da literatura contemporânea angolana e são conhecidas por: envolvimento político, anticolonialismo, crítica sociocultural e valorização da identidade nacional. Assim, podem ser observadas essas características através do seu romance mais conhecido— *Mayombe* —, que narra as aventuras de guerrilheiros do MPLA durante a luta pela independência de Angola.



PEPETELA

MAYOMBE

romance



Resumo da Obra

O livro *Mayombe* possui uma estrutura que divide-se em cinco capítulos e um Epílogo, os quais são nomeados como: A missão, A Base, Ondina, A Surucucu e A Amoreira. Quanto aos personagens principais e secundários que fazem parte da obra, temos quinze no total: Teoria, professor da base; Comissário, um dos líderes políticos; João, Chefe de Operações; Sem Medo, o comandante; Lutamos, Verdade, Muatiânvua, Ekuikui, guerrilheiros do MPLA; Pangu-A-Kitina, Milagre, Ingratidão do Tuga, Vewê, Mundo Novo, André, primo do comandante, responsável pelo envio de alimentos à Base; e Ondina, professora e noiva do Comissário.



No capítulo 1 (um), *A missão*, a narrativa acontece em torno de uma operação onde o grupo ataca uma madeireira que estava explorando a floresta Mayombe. Então, eles pegam as máquinas, os equipamentos e também sequestram os trabalhadores, com a intenção de conscientizá-los, para que eles soubessem o que os portugueses estavam fazendo na natal deles. Depois de conscientizados, eram libertos.

No capítulo 2 (dois), *A Base*, novos guerreiros chegam à base, que fica no interior da floresta Mayombe, a qual é tida como uma entidade viva e se relaciona com os personagens e dos relacionamentos que ocorriam entre eles. Também eram realizadas "aulas" sobre a importância da causa pela qual eles lutavam.

No capítulo 3 (três), *Ondina*, a fome afeta a base, devido a demora no envio dos suprimentos para os guerreiros, tarefa que deveria ser executada pelo dirigente André. Quando a comida finalmente chega, há alívio dessa tensão na base de guerrilha. Contudo, além dos problemas descritos entre os guerrilheiros e portugueses, são apresentados problemas entre os próprios integrantes do grupo, os quais e são pontuados com riqueza de detalhes, como dilemas existenciais, questões amorosas e outros, como o caso de Ondina, O Comissário e o Guerrilheiro André.

No capítulo 4 (quatro), *A Surucucu*, nós lemos a descrição de como será a estratégia de um contra-ataque aos portugueses, movido por um engano de informação. Vemos também a narrativa de um ataque de uma cobra ao professor teoria, o que teria dado origem a ofensiva contra os portugueses.

No 5 (quinto) e último capítulo, *A Moreira*, temos os detalhes do ataque do grupo Mapla aos portugueses, quando ocorre a morte de alguns integrantes. Nesse capítulo, observamos referências ao tribalismo e a superação das diferenças étnicas.

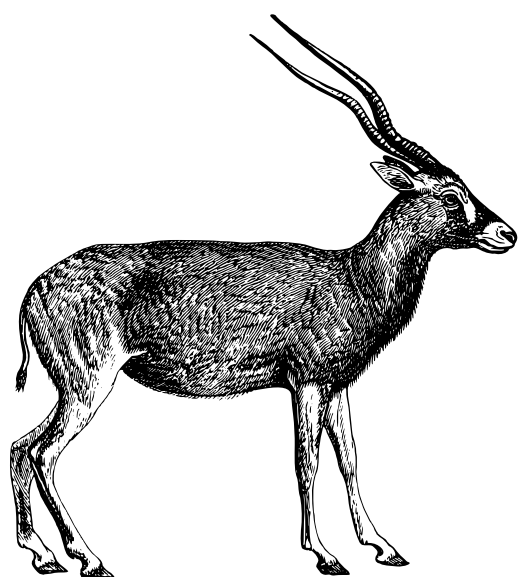


3 . A leitura literária

A obra é uma grande reflexão sobre os ideais de libertação da Angola e a dura realidade da população. Pepetela não romantiza essa guerra, mostrando a individualidade de cada um e seus conflitos, apresentando um lado mais humano, quebrando qualquer expectativa de encontrar um grupo de guerrilheiros totalmente comprometidos apenas pelo ideal de libertação.

O livro é dividido em cinco capítulos (I- A Missão; II- A base; III- Ondina; IV- A Surucucu; V- A Amoreira) e, no final, temos o Epílogo. A narrativa aproxima o leitor à obra, pois, logo no início são apresentados os personagens. O foco narrativo desta obra é um dos responsáveis por essa aproximação, pois além de ser um narrador em terceira pessoa, onisciente e onipresente, tem uma intercalação na narrativa, quando alguns personagens se apresentam e expõem suas histórias e pontos de vista, caracterizando o romance como polifônico, com múltiplos narradores.

Desse modo, ao ser pausada a história, um personagem assume a narrativa iniciando sempre da mesma forma: "Eu, o narrador, sou (nome do personagem)". Como no trecho a seguir:



Eu, O Narrador, Sou Teoria. Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. (PEPETELA, 1993, p. 04)



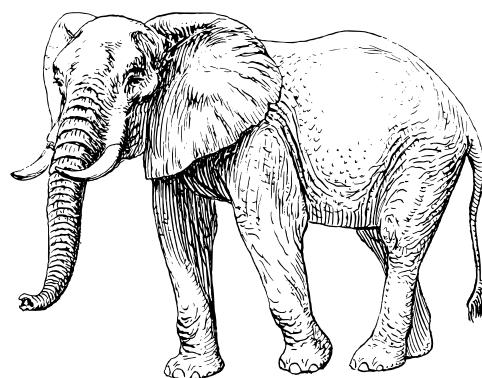
Mayombe é uma das maiores florestas tropicais do mundo, localizada em parte da República democrática do Congo, Angola, República do Congo e Gabão é um dos protagonistas do livro, sendo a principal ambientação de uma narrativa em tempo cronológico que se aprofunda nos conflitos internos e externos de guerrilheiros do *Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)* em combate contra as tropas portuguesas e em conflitos internos com questões tribalistas e políticas.

Em 2015, Pepetela concedeu uma entrevista ao site Livre Opinião, no qual falou sobre uma característica marcante dos seus trabalhos que são as metáforas e algumas figuras de linguagens:

"Comigo nada é muito pensado anteriormente. As coisas acontecem naturalmente. Na fase da releitura é que entra o espírito crítico e se modifica o que houver a mudar. As metáforas também vão nascendo um pouco do subconsciente, as que têm pernas para andar se desenvolvem, as outras murcham e são podadas no momento da revisão".

Em *Mayombe*, não é diferente também, há o uso de figuras de linguagem, como na forma que a floresta é caracterizada como um personagem, "Assim foi parida pelo *Mayombe* a base guerrilheira." (PEPETELA,1993,p. 42) tendo um exemplo de prosopopeia. "A barba aprofundava-lhe o aspecto de leão que dorme tranquilamente, seguro de si." (PEPETELA,1993,p. 135) A personagem de Ondina usa de metáfora para caracterizar a segurança de Sem Medo.

Veja a entrevista completa de Pepetela em:
<https://livreopinioao.com/2015/12/04/pepetela-ao-livre-opinioao-as-utopias-existem-sempre- pois-sao-elas-que-despertam-as-pessoas-para-tentar-fazer-coisas/>





4 . Combatendo preconceitos

Mayombe é uma obra ambientada em Angola. Quando falamos de África, história da África ou até mesmo literatura africana, ainda há um estranhamento daqueles que não estão habituados a ler obras desta região. O conhecimento sobre o local é muitas vezes raso e limitado. Acontece que a África é um continente grandioso, cujos países possuem suas peculiaridades culturais e sua própria história e com Angola não seria diferente.

No mundo polarizado entre capitalistas liderados pelos EUA e socialistas liderados pela antiga URSS, no pós-segunda guerra, Portugal ainda detinha poder sobre as colônias africanas, Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde, razão crucial que motivou a busca pela independência desses países e fato histórico que inspirou a escrita de *Mayombe*, uma vez que o autor era um guerrilheiro durante os anos 60, em Angola. A independência angolana dos portugueses deu-se através de muita luta do povo angolano.

Angola é um país de grande diversidade étnica, sendo dividido em tribos nas quais cada uma possui sua própria cultura e língua. Algumas dessas mencionadas por Pepetela em *Mayombe* são os quimbundos (ou quimbundos), quicongos (ou kicongos), os umbundus, os cabindas, etc.

Mayombe reflete, a partir de uma visão influenciada pelas ideias socialistas, sobre a jornada de guerrilheiros do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA) e como os conflitos étnicos eram responsáveis pela falta de união do povo angolano na luta.

Quebrando expectativas comumente criadas por conta do racismo enraizado na sociedade e da imagem de “África” afundada na miséria que é vendida no ocidente, Pepetela traz personagens únicos, ex-estudantes universitários, professores e personalidades que faziam parte de uma elite intelectual, os quais abandonaram tudo para lutar pela libertação e o fim do colonialismo.





Homens e mulheres negros, fortes e inteligentes, que se uniram por um bem comum, dispostos a abrir mão de desavenças e questões como a diversidade étnica e até mesmo cor, visto que o MPLA aceitava até mesmo brancos.

Dito isto, percebemos a importância que a literatura exerce na desmistificação de estereótipos. Assim, com o intuito de desmistificar a história e a literatura africana, é de extrema importância debater essas leituras e ouvir diferentes opiniões para haver esta troca de informações e enriquecer ainda mais o conhecimento e combater o preconceito.

ATIVIDADES

Proposta 1:

Propomos a produção de podcasts à turma. Para isso, inicialmente, sugerimos que assistam ao **Discurso do Presidente Agostinho Neto na Proclamação da Independência de Angola*** e, após, pesquisem nos livros de História e sites confiáveis da internet acerca do processo de independência de Angola e a situação do país no contexto pós-independência.



Realizada as pesquisas sugeridas, os alunos farão seus apontamentos por escrito, a fim de que organizem as informações e, dispostos em grupos, produzam podcasts, a partir dos questionamentos abaixo:

- Como o discurso do presidente Agostino Neto reverbera no contexto pós-independência? Quais influências, aproximações e/ou distanciamentos?
- Acerca da obra *Mayombe*, como os receios do personagem Sem Medo dialogam com o contexto pós-independência em Angola?
- Como as reflexões históricas, políticas e culturais apontadas em *Mayombe* dialogam com as problemáticas sociohistóricas

*Saiba mais sobre o discurso [AQUI](#)



Proposta 2:

Dividir a sala em dois grupos (ou entre duas tribos, assim como eram os guerrilheiros do Mayombe) e designar as seguintes atividades:



Fonte: O Mundo de Tayó Produções

Após apresentar a charge aos alunos, discuta com eles sobre o papel das mulheres na sociedade atual; as conquistas sociais e políticas, as formas que são representadas pelas mídias sociais. Solicite que discutam também entre si, de modo que, ao final, possam produzir um artigo de opinião expondo argumentos sobre a importância da personagem Ondina no romance, bem como sobre como essa temática se relaciona com as situações vivenciadas pelas mulheres atualmente. É importante que todos socializem suas produções.

Proposta 3

Tendo em vista a perspectiva polifônica em que o romance *Mayombe* é narrado, proponha à turma que, também organizados em grupos, produzam uma peça teatral sobre a temática do respeito à história e cultura afro. Os alunos devem se imaginar como os guerrilheiros de *Mayombe*, dando nomes a si mesmos, e criarem uma estória que demonstre como vários pontos de vista podem estar associados em uma causa social em prol de um ideal maior. Convide outras turmas da escola quando forem encenar.



5. Algumas reflexões

Em sua composição, a obra possui como tema central a guerra que visa a independência de Angola, o que desencadeia um conflito entre grupos angolanos e tropas portuguesas. Uma característica muito presente nesses grupos é a diferença, haja vista que dentro da base existiam visões políticas opostas.

Um dos principais aspectos do Mayombe é o tribalismo, uma vez que o território angolano tem em sua composição inúmeras tribos, ou seja, diversas línguas formavam o leque linguístico de Angola. O português era o idioma que unia todas as línguas, porém não era a língua materna dos falantes e nem todos que ali habitavam sabiam falar fluentemente o português.

A obra apresenta uma reflexão acerca dos ideais socialistas, abordando a dura realidade do povo angolano, que luta pela libertação da população local em relação aos conflitantes do MPLA (Movimento popular de libertação da Angola). Observamos que cada personagem luta por seus próprios ideais de libertação, o que se torna um obstáculo para que possam se unir em torno de um ideal comum.

No romance de Pepetela, a organização possui conflitos e apoios internos. Nela, a visão política e as diferentes leituras da realidade se juntam. O tribalismo forma uma construção de relacionamentos extremamente complexa, onde o comandante Sem Medo é o mais alto em linha de comando, seguido pelo Comissário, um dos líderes políticos, e pelo chefe de operações, que possui ainda fora da guerrilha outros ligados ao MPLA, como dirigentes políticos que davam o suporte e recursos financeiros ao grupo.



A obra *Mayombe* apresenta uma literatura indiscutivelmente rica. Ao mesmo tempo que possui uma narrativa crítica traz a narrativa heroica, uma vez que aborda a diversidade étnica angolana e ilustra as divisões tribais, abordando a luta de um povo que na maioria das vezes não tem voz, narrando uma história ignorada por muitos, mas de importante relevância para a libertação dos povos africanos.

Desta forma, é indiscutível a importância de trazer a conhecimento da sociedade em geral, autores e literatura afro, pois esses abordam questões que se relacionam com a cultura dos povos africanos e afrodescendentes, e em sua construção trazem uma escrita que valoriza a herança cultural e garante o direito à preservação da memória desses povos, fazendo com que sua voz seja ouvida e sua história conhecida.

Portanto, enquanto sociedade, precisamos dizer não ao preconceito, devemos desconstruir as diferenças raciais que foram impostas no decorrer dos anos em nossa sociedade, uma vez que entendemos como racismo uma rejeição daquilo que é diferente do que somos, como afirma Lopes (2007):



[...] o racismo é uma ilusão de superioridade. O racista se acha superior àquele a quem se compara: ele nasceu para mandar, e o outro, visto como inferior a ele, para obedecer. O racismo, então, é antes de tudo uma expressão de desprezo por uma pessoa. Às vezes não por causa de suas características, mas por aquela pessoa pertencer a outro grupo (LOPES, 2007, p. 19-20).

Levando em consideração o fato de vivermos em uma sociedade com um povo que é resultado justamente dessa junção de culturas, precisamos criar em nosso meio social um orgulho por essa miscigenação, e dizer não ao preconceito.



PRINCIPAIS TEMAS TRATADOS EM *Mayombe*

 GUERRA DE LIBERTAÇÃO
PELA ANGOLA

 PAPEL DA MULHER NA
SOCIEDADE

 TRIBALISMO

 RELIGIÃO

 SEXUALIDADE

 PRECONCEITOS

 POLÍTICA





6. Referências

FREITAS, Almir de. **Pepetela, passado e futuro**. Revista Bravo, 2016. Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/pepetela-passado-e-futuro-53623e764790>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.

LOPES, Nei. **O Racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro, Agir, 2007.

Pepetela ao Livre Opinião: **As utopias existem sempre, pois são elas que despertam as pessoas para tentar fazer coisas**. Livre opinião, 04 de Dezembro de 2015. Disponível em <<https://livreopinioao.com/2015/12/04/pepetela-ao-livre-opinioao-as-utopias-existem-sempre-fois-sao-elas-que-despertam-as-pessoas-para-tentar-fazer-coisas/>>. Acessado em: 25 de Outubro de 2020.

PEPETELA. **Mayombe**. 5^o edição. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993.



4

1. Apresentação

Ana Caroline Sousa Fonseca
Daiane do Nascimento Macedo
Edilene Santos da Silva
Lílian Moraes Soares de Sousa
Kenya da Silva Martins
Ana Patrícia Sá Martins

Este capítulo tem como base o romance **O alegre canto da Perdiz**, escrito pela moçambicana **Paulina Chiziane**. O objetivo é propor atividades didáticas visando à discussão acerca da negritude, visto que ainda é muito frequente na sociedade a inferiorização do negro, bem como a discriminação racial.

É necessário que essa discussão aconteça já na adolescência, período em que os indivíduos começam a questionar-se sobre si mesmos e construir seu caráter. A escola é um espaço educacional, também de valores e isto se transfere à sociedade em geral.

As temáticas apresentam uma visão da Moçambique colonizada, ao trazer um enredo composto por uma variedade de questões como escravidão, trabalho forçado, assimilação, pobreza, gênero, raça, identidade, que marcaram a relação do colonizado com a opressão colonial.

A produção literária de Chiziane transita entre os séculos XX e XXI. Não se pode negar que no século XX já começamos a reconhecer certa diversidade na representatividade cultural e literária, tendo em vista o aspecto cultural e dos gêneros literários, admitindo o registro das variedades identitárias de países, a exemplo de Moçambique, que têm o literário como espaço lúdico e também para discussões políticas e culturais.



Nesse sentido, apresentamos esse capítulo, como mais um espaço para refletirmos e discutirmos essa rica diversidade cultural e identitária que as produções literárias nos oportunizam. Inicialmente, pontuamos uma seção sobre a autora e sua biografia. Nas seções seguintes, temos as propostas das atividades didáticas, nas quais possuem elemento textual, indicando a proeminência dos intertextos que estão presentes na história, e a sua relevância dos recursos utilizados, seguindo as reflexões feitas ao longo da produção deste trabalho.

2. Conhecendo a autora e sua obra

Paulina Chiziane é romancista de Moçambique. Nasceu em 4 de junho de 1955, em Manjacaze, no sul de Moçambique, região marcada por um forte patriarcado.

Casou-se e teve dois filhos. Iniciou seus estudos em Linguística na Universidade de Eduardo Mondlane, mas não concluiu o curso. Atualmente, vive e trabalha na Zambézia.

Iniciou a sua atividade literária em 1984, com contos publicados na imprensa moçambicana.

OBRA

O romance *O Alegre Canto da Perdiz* de Paulina Chiziane é composto por 35 capítulos, narrados *in medias res*** . Narra a trajetória de uma mãe à procura de seus três filhos, que lhes foram tirados muito cedo. Dentro da história encontram-se relatos das vidas de outros personagens, e esses acontecimentos entrecruzam-se com a narrativa em foco.

Principais Personagens: Delfina, Maria das Dores e José dos Montes.

Contexto histórico:

A obra faz parte do período pós-colonial de Moçambique. Os autores desse período escreviam sobre as vivências, apresentando um tom individual e intimista para relatar a sua experiência pós-independência.

SAIBA MAIS

** *In medias res* é uma técnica literária em que a narrativa começa no meio da história.



3. Leitura literária

3.1 Estrutura da obra

O Alegre canto da Perdiz, mesmo tendo uma linguagem de fácil compreensão, estrutura-se de forma em que a narração ocorre *in medias res* (do capítulo I até o capítulo V), pois a narrativa inicia-se do meio da história, e, só a partir do capítulo VI, a história acontece de forma cronológica, fator que solicita uma leitura mediada. Essa estrutura acontece objetivando chamar a atenção do leitor, pois os acontecimentos, da maneira que são contados, aguçam a curiosidade e prendem o leitor à história. Nesse tipo de narrativa, o narrador tem um papel fundamental, pois é através dele que o leitor vai se situar dentro da história.

Nesta obra, o narrador conhece todos os personagens, até mesmo seus pensamentos mais íntimos, portanto, ele é onisciente

Em vários momentos o narrador sintetiza e em outros explica os pensamentos e as atitudes dos personagens, tornando a história mais compreensível. Essa prática auxilia o leitor a alicerçar ou reformular suas ideias preexistentes.

Podemos observar que Chiziane nesta obra faz uso de uma forma estrutural incomum na maioria dos romances, utilizando ponto de continuação com muita frequência, e assim pausando a história continuamente. Este recurso exige do leitor maior atenção, para que não perca a real essência das ideias que a autora pretende repassar. Embora exija do leitor maior atenção do leitor, o uso deste recurso embeleza o texto e faz com que se pareça uma poesia.

"A louca do rio olha para a igreja no alto da serra, que lhe abre os caminhos da memória. Parece que já estive aqui. Mas quando? Em que circunstâncias? Nesta igreja eu entrei, eu rezei, em algum momento da minha infância. Que lugar é este?" (CHIZIANE, 2008, p. 10).



3.2 INTERTEXTUALIDADE

Chiziane, de forma lúdica, utiliza-se do critério textual intertextualidade fazendo analogias às passagens bíblicas, aos mitos e às lendas antigas e aos ditados populares, como podemos perceber nos exemplos abaixo:

Referência bíblica: **"O preto replicava eu sou o Adão e ela a minha costela geradora da vida, será a minha esposa, eternamente minha"** (CHIZIANE, 2008, p. 19)

Mito: **"No princípio de tudo, os povos da terra acreditavam em Zuze, o deus do mar. Acreditavam que no fundo do mar residiam todas as maravilhas da terra prometida"** (CHIZIANE, 2008, p. 23)

Ditado: **"Quer contar com quantas estrelas se faz o manto da noite"** (CHIZIANE, 2008, p. 24)

No Brasil, se diz: com quantos paus se faz uma cangalha/canoa; nesse exemplo citado, Paulina o apresenta conforme utilizada em Moçambique. Essa aproximação pode auxiliar o leitor no processo de compreensão da história. .

No Brasil que é denominado cristão, por exemplo, muitos conhecem a bíblia e, ao lerem o romance de Chiziane, podem identificar esses trechos que fazem alusão às passagens bíblicas e compreender partes que até então não estavam tão explícitas. Nesse romance, Chiziane utiliza a intertextualidade como forma de confirmar o que ela conta.



A autora utiliza várias figuras de linguagem. A princípio, ainda no título da obra, tem-se uma metáfora O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, onde perdiz refere-se a Delfina, que canta alegremente diante de seu sucesso ao casar-se com um branco. O canto da Perdiz, segundo a história, deduz mau agouro, então o canto de vitória de Delfina não durou por muito tempo. Através da metáfora, Delfina é, ainda, análoga a Zambézia (povoado de Moçambique), isso pela sua beleza, fertilidade e por ter dado à luz a raças diferentes.

3.3 TEMÁTICA



Chiziane em *O alegre canto da perdiz* traz temáticas que muito têm a colaborar no processo de desconstrução e reconstrução de caráter ou até mesmo na formação de cidadão conscientes e letrados. Assuntos como **preconceito racial, corrupção moral, exploração sexual infantil, liberdade feminina, inferiorização do negro e identidade cultural** são abordados de maneira clara e objetiva, fazendo com que o leitor reflita, raciocine e teça críticas à sociedade moderna que ainda deixa tais assuntos coexistirem em meio a ela.

Em nossa proposta, daremos maior atenção às duas últimas temáticas citadas, enfatizando de que maneira isso aconteceu na obra. As duas personagens centrais mais exploradas na obra são femininas: Delfina e sua filha Maria das Dores. Focando então nessas duas mulheres, podemos evidenciar as duas temáticas: a inferiorização do negro e a identidade cultural.



Delfina e Maria das Dores sofrem na pele o descaso, a inferiorização, tanto por parte de suas famílias, quanto pela própria sociedade. Isso acontece principalmente por conta de dois fatores: serem mulheres e negras.

Para a sociedade da época, as mulheres negras deveriam ser recatadas, servir aos seus maridos, era como se fossem propriedade deles e jamais deveriam estar em uma posição honrada e, por isso, as duas mulheres que regem a história sofrem bastante. Delfina por não aceitar a submissão, e sentir-se dona de si, inclusive vendia o próprio corpo para sustentar a família - não por opção, mas por ter sido incentivada pela própria mãe – e isso a fez ver o mundo de forma diferente e se sentir autossuficiente, ainda assim era massacrada e mal vista pela sociedade, sofrendo, então, todas as humilhações por causa da sua cor, por causa do seu gênero.

Maria das Dores sofre a inferiorização por parte de sua mãe, Delfina, que a tratava diferente dos irmãos mulatos, era como se por ser negra ela fosse uma escrava e, ainda, decidiu vender a sua virgindade em troca de sucesso financeiro. A partir de então, ela vê sua infância/vida acabar, ao passo que seu esposo queria controlá-la e quando não conseguia aplicava-lhe castigos. Por toda essa inferiorização, Maria das Dores toma coragem e tenta se desvencilhar do que lhe amargurava.

A identidade cultural do negro na obra de Chiziane sofre grande interferência dos europeus, e infelizmente a cultura do branco/europeu se torna predominante sobre a cultura afro. A cultura europeia consegue se tornar suprema, porque até mesmo os negros passam a colocar os brancos em posição superior, tentam se igualar a eles usando a violência contra a própria raça em busca de poder/domínio.



“Sem a cumplicidade dos assimilados e seus sipaios a terra jamais seria colonizada”

O processo de colonização dos países africanos fez com que as culturas afro e europeias se misturassem e, além disso, a junção, através da violação europeia, dos povos resultou na constituição/formação dos mulatos. Podemos afirmar, então, que a inferiorização do negro e também a perda da identidade cultural afro em detrimento da cultura europeia são temas bem explorados por Chiziane em seu romance e trazem para a realidade reflexões e questionamentos sobre a maneira que isso aconteceu e como esses estigmas inculcaram na sociedade que para ser superior a cor da pele tem que ser clara.



3.4 PROPOSTAS DE ATIVIDADES DIDÁTICAS

Este trabalho sugere algumas atividades baseadas na obra *O alegre canto da perdiz*, visando combater os estigmas e preconceitos existentes e enraizados na sociedade culturalmente.

A partir das pontuações estruturais sobre a obra de Chiziane, é possível desenvolver atividade didática envolvendo análises textuais, por meio das quais o professor solicitaria a identificação dos elementos citados e o que motivou a autora nesta decisão.

Partindo das temáticas destacadas, podemos trabalhar didaticamente através do requerimento de produção textual, com a utilização dos gêneros resumo, resenha, mapa conceitual, peças teatrais, podcasts, etc, a fim de avaliar a opinião dos alunos a respeito desses temas tão polêmicos que permeiam a sociedade.



Dentro dessas temáticas, é possível trabalhar ainda com seminários e debates, pois utilizando-se desses gêneros textuais a oralidade dos alunos é posta em prática, e o potencial de retórica, criticidade, raciocínio e reflexão são aguçados e, ao fim das apresentações, o professor poderá incrementar o conhecimento e aprendizado dos alunos sobre o conteúdo abordado.

Através da abordagem da intertextualidade, é possível também tecer atividades didáticas partindo deste elemento textual, sugerindo o destaque dos intertextos presentes na história e qual a relevância da utilização deste recurso.

As propostas para se trabalhar *O alegre canto da perdiz* didaticamente com alunos da rede básica de ensino vão além das que aqui foram sugeridas, o que vale é explorar os componentes linguísticos e literários e, principalmente, trabalhar no processo de conscientização de que o preconceito étnico-racial deve ser combatido veementemente.

VAMOS CONVERSAR?

Refleta e comente com seus colegas

- Como você se reconhece: branco, preto, pardo, índio? Quais fatores você elenca para justificar sua resposta?
- Considerando que aprendemos desde muito cedo na escola que os povos indígenas, europeus e africanos constituíram a nação brasileira, na sua opinião, por que algumas culturas são mais valorizadas do que outras?
- Sabemos que no período colonial do Brasil, o negro foi escravizado. Anos depois de conquistada sua liberdade, os negros ainda sofrem com a discriminação racial. Produza com seu colega um cartaz no Canva, que manifeste seu posicionamento acerca do preconceito racial e cultural ainda existente em nossa sociedade. Em seguida, compartilhem com a turma.



4. Combatendo preconceitos



4.1 TRABALHANDO COM O TEXTO

1. Na obra *O Alegre canto da perdiz*, a autora inicia a narrativa no meio da história, isto é, a partir de uma cena inicial, ela começa a contar o passado daquela personagem. A cena escolhida é uma mulher nua sentada à beira do rio, em que um grupo de mulheres escandalizadas a chamam de louca, escandalosa e atiram paus e pedras sobre ela. Sobre isso, responda:
 - a) Na sua opinião, por que a autora narra a história dessa maneira?
 - b) O que você pensa em relação à cena descrita? Como você reagiria diante disso?
 - c) Que relação o título da obra *O Alegre canto da perdiz* tem com a principal personagem Delfina? Dê sua interpretação:

VOCÊ SABIA? 7 de Abril é Dia da
Mulher
Moçambicana

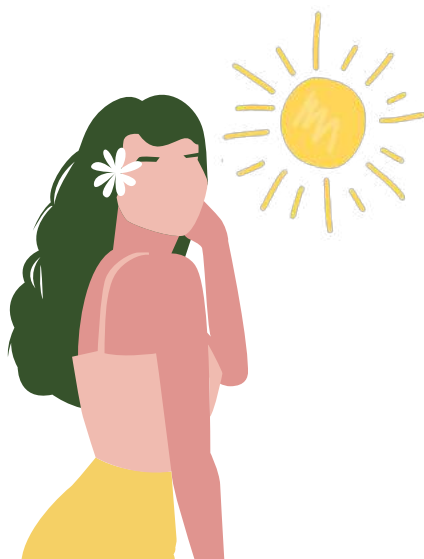
2. No romance, Delfina é comparada a natureza (palmeiras) e lugares como Zambézia, pois na narrativa, ela, além de bela, é mãe de filhos de diferentes raças, assim como a província africana (Zambézia). Chiziane ainda insere outras figuras de linguagem na obra. Observe no quadro abaixo como a autora descreve a mulher:

"Final a mulher é mesmo isto. Manta de **fogo** na noite de frio. **Sal** da vida. **Gota de água** no inferno do mundo. **Lasca de fogo** no coração deserto."
(CHIZIANE, 2008, p.24)





No trecho acima, a mulher é definida como o "fogo", "sal", "gota de água" e "Lasca de fogo". Tendo em vista o contexto do romance, quais os significados dessas expressões no texto? Quais os sentidos dessa fala?



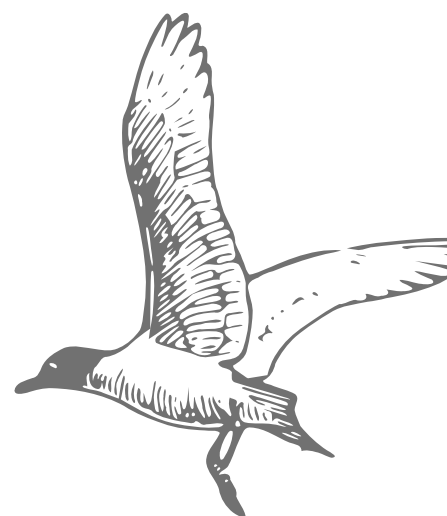
VOCÊ SABIA?

O nome **Zambézia** provém de um decreto régio português de 1858. Com um vasto território multicultural, a província caracteriza-se por uma miscigenação da presença dos árabes-persas, portugueses e dos nativos. (Fonte: Historia do Zambézia - Visitar a Zambézia (visitzambezia.com)).

3. Identifique nos trechos listados abaixo qual figura de linguagem está formando a frase e explique-a.

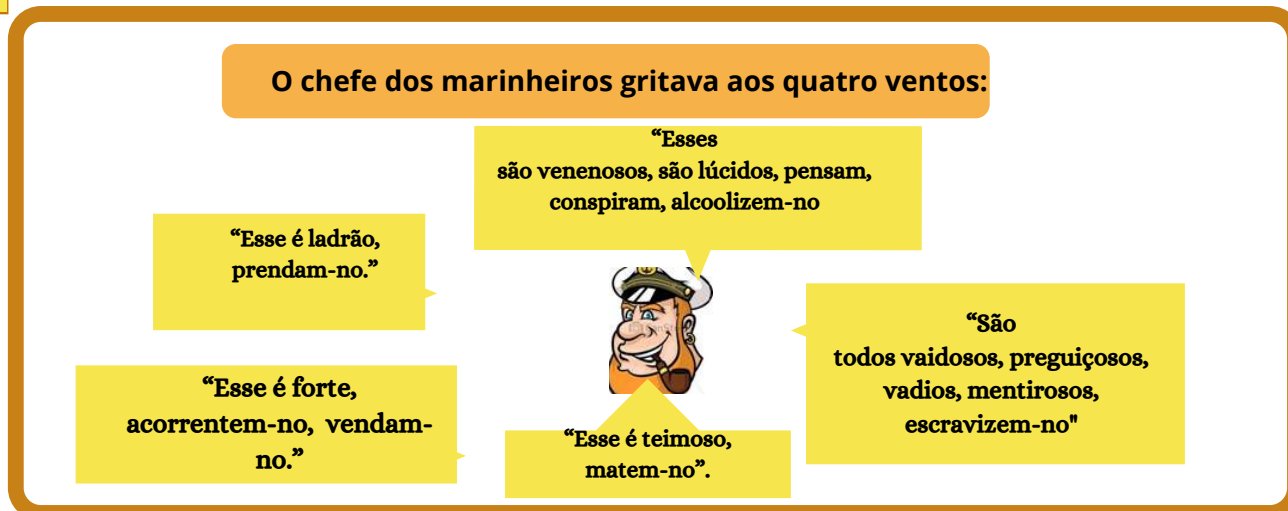
a) “Gaivota, gaivota”... Assim Delfina se auto define. Qual significado Gaivota representa para ela?

b) “Na posição de lótus, colocando a sua intimidade na frescura do rio. Vê-lhe o interior desabrochado, como um antúrio vermelho com rebordos de barro”.





4. Observe a seguinte figura e responda:



a) Nesse quadrinho, temos duas situações nas quais demonstram a posição entre as classes do marinheiro e dos negros no romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane. Pesquise em sites confiáveis e livros de História e Literatura sobre a sociedade moçambicana pós-colonial e produza em dupla com um colega breves podcasts destacando os motivos que permeiam essa consequência que os negros carregam em suas vidas. Combinem uma data para socializarem com a turma as produções.

b) Observe a imagem abaixo. A obra foi produzida na época da Independência de Moçambique (1975). Em sua opinião, que mensagem a obra passa à sociedade?

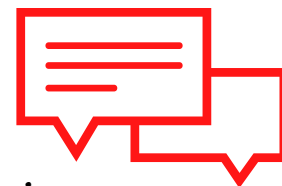


Fonte: Mankew, 1975 (Coleção do Museu Nacional de Arte, Maputo) disponível em: <https://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/arte-e-artistas-em-mocambique-falam-diferentes-geracoes-e-modernidades-parte-1>

c) Mesmo após a independência moçambicana, ainda são relatadas muitas problemáticas vividas pelas mulheres no país. De acordo com a leitura do romance, qual sua opinião acerca de tal situação, conforme a narrativa de Chiziane?



4.2 HORA DO DEBATE



Observe as imagens seguintes:

Na primeira imagem, temos uma foto de uma criança nigeriana que, segundo o site da revista *Galileu*, foi abandonada pelos pais por acharem que esta seria a encarnação de um bruxo. O menino chamado **Hope** (esperança, em português) estava há dias vagando pelas ruas faminto até encontrar Anja, uma ativista dinamarquesa fundadora da ONG dinamarquesa *DINNødhjælp*- Fundação para Ajuda, Educação e Desenvolvimento de Crianças Africanas que o resgatou e o adotou, posteriormente.

A segunda figura é uma cena da série *Raízes* (inspirada no romance de Alex Haley "*Raízes: A Saga de uma Família Americana*"), exibida em 2018 na rede GLOBO de televisão. O herói da história é Kunta Kinté, um africano que foi traficado para a América do Norte para ser escravo. A cena em questão trata-se do momento em que Kunta Kinté é açoitado por recusar-se a mudar de nome.



Figura 1



Figura 2

Junto com seus colegas organizem-se em círculo e discutam: Por que algumas vezes que falamos em fome associamos a África? Por que a cena do menino Nigeriano causa tanta comoção? Qual a importância de conhecermos nossas raízes? Eu já neguei minha própria raça? Por que para Kunta Kinté era tão importante não mudar seu nome? Considerando a seguinte informação sobre a série: "Kunta Kinté conservou as suas raízes africanas, mesmo em terras americanas. Transmitiu a cultura a sua filha que seguiu passando às gerações



seguintes. Assim, as raízes se mantiveram fortes e Kinté passou a ser lembrado como herói. Por que é importante conservar nossa cultura? Existe uma cultura melhor que a outra? Por que há tanta discriminação racial em nosso país?

HORA DA PRÁTICA



Divididos em grupos, montem (criem) uma apresentação teatral para toda a escola e comunidade do bairro em que defendam o combate ao preconceito.

Sugestão: uma releitura de *A Escrava Isaura*, evidenciando as situações de preconceito racial e social em que muitas pessoas vivem em nosso país.

Roteiro



- Leitura da obra *A Escrava Isaura*, de Guimarães Rosa
- Discussão da leitura baseada no seguinte pensamento: Que tipo de escravidão a sociedade vive em relação a nossa identidade cultural? E em relação a discriminação social? Quem somos nós na obra *A escrava Isaura*?
- Esclarecimento: Na sociedade em que vivemos ainda existe muito preconceito em relação ao negro, mesmo quando uma pessoa negra é bem sucedida, por exemplo, muitas pessoas acabam ignorando seu sucesso, de alguma maneira. Assim, há muitos que estão "presos" no preconceito (isto é, são escravos deste pensamento). Desta forma, hoje, os escravos seriam aqueles que descriminam e os escravizadores aqueles que contribuem para que isso aconteça, por exemplo uma marca de cosméticos que só fabrica para peles claras, etc.
- Organização da turma em relação aos personagens, Exemplo: Isaura pode ser substituída por uma personagem negra bem sucedida combatendo preconceitos



5. Algumas reflexões

A partir deste capítulo, podemos fazer algumas reflexões :

- O momento em que o Ocidente começa a dirigir um novo olhar para a África, isso em grande parte é motivado pela consolidação dos processos de independência pelos quais os países africanos vinham passando.
- O caso característico de Moçambique, quando começa a se criar uma tradição na produção literária, seu referencial ainda era marcado pela produção masculina. É nesse contexto que aparece aquela que é classificada pela crítica a primeira mulher do país a escrever um romance, embora ela rejeite essa categorização de “contadora de história”: Paulina Chiziane.
- Despertar pelo interesse das pesquisas voltadas para as questões da negritude, da diáspora, dos excluídos, enfim desses aspectos que desafiam uma inclusão das relações modernas.
- A literatura passa então a ser um instrumento fundamental para desconstrução de discursos, tomando como base uma crítica contundente de evidência anticolonial.

Fonte: Revista África e
Africanidades | Edição nº 26d





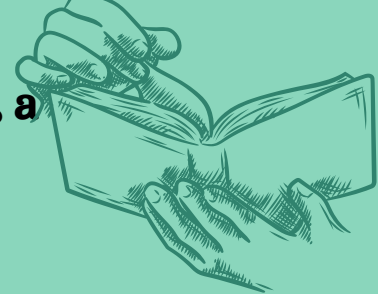
6. Referências

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Alfragide-Portugal: Caminho, 2008.

MELO, Carlos Augusto de; GONÇALO, Sandra Regina Pereira. **Uma proposta de intervenção para o ensino da literatura afro-brasileira nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental**. *Letras & Letras*. Uberlândia. v.33. p.95-118. jan./jul.2017.

SANTOS, Luciano dos. **As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas**. *Rascunhos Culturais*. Coxim/MS. v.2. n.4. p.141-157. jul./dez.2011.

SOUZA, Gabriela Alves de Oliveira; VIEIRA, Wellington Neves. **O ensino da literatura afro-brasileira como objeto de transformação social**. *Anais do Festival Literário de Paulo Afonso - FLIPA - 2016 - Faculdade Sete de Setembro - Paulo Afonso-Bahia*. p.80-94.



Eva Barbosa de Sales

Bárbara Andressa dos Santos

Tânia Maria Barbosa de Sales

Ana Patrícia Sá Martins

1. Apresentação

Olhos d'água, de Conceição Evaristo é uma narrativa de contos que aborda as histórias de seus personagens negros que sofreram e sofrem os mais variados tipos de preconceito, violência e discriminação que passam em sociedade. Em *Olhos d'água* estão presentes mães, filhos, homens, mulheres, que compartilham seus dilemas sociais, sexuais e as mais variadas vulnerabilidades humanas.

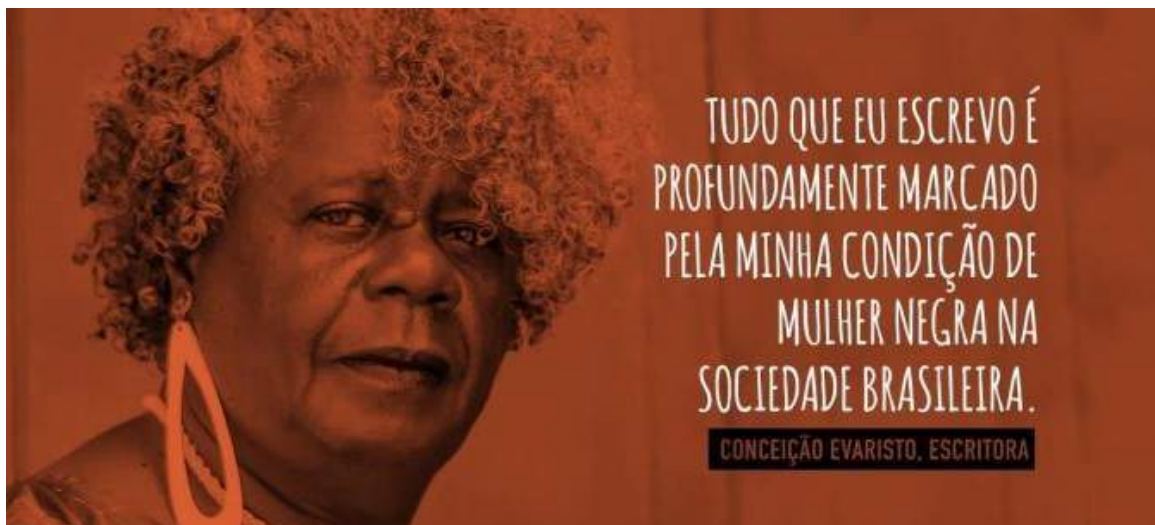
Olhos d'água mostra muito da realidade de hoje, da vida na favela, do negro que sofre preconceito, da falta de oportunidades, do descaso social e da violência em que estão imersos. A obra retrata a triste realidade da vida de pessoas que se encontram abandonadas e marginalizadas na sociedade.

Neste capítulo, pretendemos que você possa:

- Refletir acerca da discriminação social na vida dos afro-descendentes;
- Desenvolver atividades que oportunizem engajamentos para diminuir/ acabar com as discriminações sociais e econômicas vivenciadas pelo povo negro.



2. Conhecendo a autora e sua obra



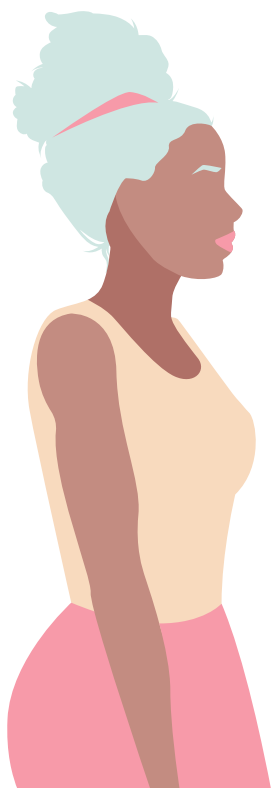
Fonte: Juca Guimarães - Brasil de Fato.

**"Minha mãe
sempre
costurou a vida
com fios de
ferro."**

Sem meias palavras, as condições sociais precárias que vivem muitos negros no Brasil é apresentada na obra *Olhos d'água*, por meio da qual Conceição Evaristo vai retratando um pouco da vida na periferia e do cotidiano de muitas mulheres negras.

É um livro de contos, permeado por narrativas em linguagem simples, e coloquial, mas que deseja descortinar o grito da autora para uma sociedade que também não deveria mais se silenciar.

Esse livro é um dos percursos por onde a voz negra tem a intenção de refletir e ecoar. No tempo-espaço estão inúmeras mulheres negras faveladas que passam pelas mazelas e descaso de uma sociedade que faz pouco caso dessas realidades em que estão inseridas nas grandes cidades.





A autora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma favela de Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946. É graduada em Letras pela UFRJ, mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro. Tornou-se doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense desde 2011, após a defesa e aprovação de sua tese que procurou investigar a produção de autores africanos de língua portuguesa em diálogo com a Literatura afro-brasileira.



Fonte: Site da FLIP, 2020

A obra é um conjunto de temas e assuntos por onde as narrativas são unidas e marcadas por dificuldades, violência e, discriminação vivida pelas protagonistas principais, como: Ana Davenga, Duzu Querença, Maria, Luamanda, Lumbiá, a menina Zaíta, Natalina, Cida, entre outros.

Publicada em 2014 pela Editora Pallas, a obra de Conceição Evaristo reúne narrativas que abordam conflitos sociais, históricos e contemporâneos.

Saiba mais sobre a autora em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>



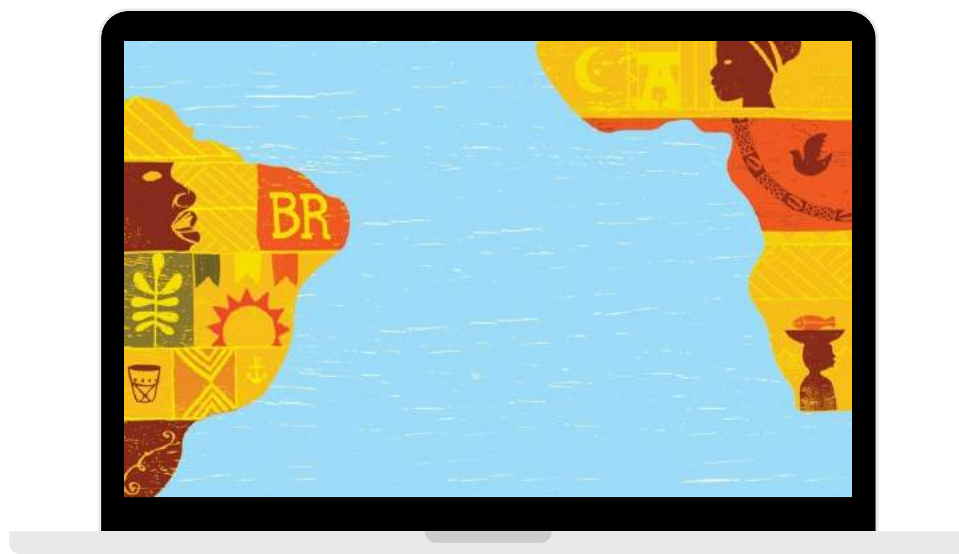
3 . Combatendo preconceitos

Em *Olhos d'água*, Conceição Evaristo ajusta o foco do seu interesse na população afro-brasileira, abordando a pobreza e a violência urbana que a acometem. Com muito sentimentalismo e sempre incorporando a textura poética para a ficção, seus contos apresentam uma significativa quantidade de mulheres, algumas: Ana Davenga, Duzuquerença, Natalina, Luamanda, Cida, A menina Zaíta. Todas criadas em variados momentos da vida. Elas diferem em idades e absorção de experiências.

VOCÊ SABIA?

Uma pesquisa publicada em 2011 indica que 63,7 % dos brasileiros consideram que a raça interfere na qualidade de vida dos cidadãos. Além disso, negros são 75% dos mortos pela polícia no Brasil. Veja mais em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2011/07/cor-e-raca-influenciam-na-vida-para-71-dos-brasileiros/>





No capítulo de Introdução do livro, a narradora tenta incessantemente descobrir "de que cor eram os olhos de minha mãe". (Evaristo, p.1). **A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água.** Numa percepção do sofrimento: vi só lágrimas e lágrimas, entretanto, ela sorria feliz.

Essas narrativas expõem a violência que assola até os dias atuais a mulher trabalhadora que trabalha em casa de família e que, ao voltar para sua casa, é vítima de violência e muitas vezes linchada como aconteceu com Maria, **"ela só queria chegar em casa e dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um abraço."** (Evaristo, p. 42).

Nessa narrativa acontece quase que diariamente tiroteios na favela, troca de tiros por grupos rivais ou entre bandido- polícia, nos quais muitos morrem por balas perdidas:

"[...] balas, balas e balas desabrocharam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar...homens armados sumiram pelos becos silênciosos cegos e mudos. Cinco ou seis corpos , como o de Zaíta , jaziam no chão." (Evaristo, p.76).

Quanto à situação de violência nas grandes cidades, o sociólogo José Cláudio Souza Alves afirma que "no Rio de Janeiro a milícia não é um poder paralelo. É o Estado". O ciclo de violência criado prejudica milhões de moradores, que por muitas vezes não conseguem deixar seus filhos na escola, tampouco sair para o trabalho. Observamos, pois, que o drama relatado nas narrativas de Conceição Evaristo não é mera ficção, se não um retrato da realidade vivenciada por muitos homens, mulheres e crianças em nosso país.



3.1 Diálogos com a contemporaneidade

As problemáticas referentes ao mundo negro presentes na obra, como por exemplo a realidade social das periferias e as vivências de mulheres negras, podem, infelizmente, ser observadas em fatos cotidianos do nosso país.



Um exemplo que pode ser associado às temáticas tratadas no livro é o caso de **Marielle Franco**, negra, mãe, moradora da comunidade da Maré no Rio de Janeiro, foi uma socióloga e política brasileira, que defendia os direitos humanos e criticava a intervenção federal e militar. Em virtude das várias denúncias dos casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes, a vereadora foi assassinada em 14 de março de 2018, juntamente com seu motorista Anderson Gomes, e, mesmo após três anos, o crime continua sem condenação dos culpados.

O assassinato de Marielle Franco é apenas um dentre os incontáveis crimes cometidos contra a população negra que, na maioria das vezes, acaba sem condenação, perpetuando assim a discriminação, o desrespeito e a injustiça com relação à comunidade preta no Brasil.

[Saiba mais no site da BBC NEWS Brasil, "Caso Marielle e Anderson: o que se sabe sobre problemas da investigação"](#)



Atividades

A seguir, apresentamos algumas propostas de atividade que visam dialogar a leitura da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo com problemáticas da realidade contemporânea, sobretudo, aquelas relacionadas a todas as formas de discriminação e preconceito racial.

1ª Organizados em grupos, pesquisem em sites de jornais reportagens que abordem questões relacionadas à situação de violência nas grandes e médias cidades brasileiras. Em seguida, sistematizem os principais fatos narrados, identificando os sujeitos e fontes citados. A partir dos dados catalogados, produzam um podcast e compartilhem no grupo de whatsapp da turma.

2ª Agendem um dia para realizarem uma roda de conversa e discutirem os dados catalogados nas reportagens, buscando identificar pontos de semelhança com as situações relatados por Evaristo nos contos lidos. Sugerimos que, após esse diálogo, a turma produza cartazes no Canva, buscando denunciar tais problemáticas vivenciadas em contextos de vulnerabilidades sociais e econômicas. Sugerimos que os cartazes produzidos sejam compartilhados com a turma, com a escola e postados em suas mídias digitais.

3ª Sistematize a turma em equipes de trabalho e proponha a produção de documentários sobre as vidas de mulheres negras e/ou de baixa renda, que vivam em condições semelhantes às personagens da obra *Olhos d'água*. Sugerimos que a escola escolha uma data para a exibição dos documentários, convidando pais e responsáveis dos alunos para também assistir aos mesmos.



5. Algumas reflexões

Neste trabalho, através da leitura do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, tivemos a reflexão do quanto a cor da pele ainda é um obstáculo, de quanto a sociedade ainda é preconceituosa no que se refere à negritude e, à falta de oportunidade que deixa de existir em virtude da cor.

Olhos D'água retrata muito bem o racismo, o negro favelado, o descaso, e, a partir disso, precisamos ter a consciência e o discernimento que tudo isso tem que acabar porque o caráter não está na cor da pele, tampouco diz quem você é. E que atitudes podemos ter para que tudo isso tenha um fim? Por isso, recomendamos a leitura desse livro para que tenhamos o conhecimento de quanto a sociedade ainda é muito racista. O livro também nos leva a refletir sobre as desigualdades sociais e a violação dos direitos humanos.



*"Ah, comigo o mundo
vai modificar-se.
Não gosto do mundo
como ele é".*

QUARTO DE DESPEJO



Aline Sudré dos Santos Lopes
Giovanna Lima Gomes
Juliene de Jesus Costa
Thaís Cauane da Silva Brito
Thalía Kaline da Silba Brito
Ana Patrícia Sá Martins

1. Apresentação

A obra *O Quarto de despejo – Diário de uma favelada* narra a história da própria autora Carolina Maria de Jesus, sob a perspectiva de sua vida na favela, visto ser uma mulher negra, pobre e sua formação escolar não passar do segundo ano primário, sendo abrangente no estudo autodidata. Dessa forma, é um relato verídico de sua vivência na favela nos anos 50. Carolina utilizava a escrita como forma de refúgio e luta contra as dificuldades que enfrentava diariamente como catadora de lixo, mãe e residente de um lugar abandonado por todos e maltrapilho. A autora escreve em seu diário todos os dias, narrando os acontecimentos dentro e fora da favela, contendo algumas críticas a políticos, a sociedade da época e aos residentes da favela, assim como ela.

A escrita de Carolina Maria de Jesus pode exaltar diversos aspectos importantes para abordagens temáticas. Propõe-se, então, o estudo das manifestações da mulher negra na Literatura Brasileira, o retrato de mulheres em realidades iguais, mas em comportamentos diversos, a banalização política dos menos afortunados e “Homem, produto do meio”, o comportamento de diversas pessoas em contextos diferentes. Dessa forma, os objetivos didáticos percorrem a linha que segue a obra e os aspectos temáticos, sendo eles neste capítulo: a tomada de consciência de que a mulher negra tem lugar na sociedade; aumento da criticidade acerca da temática da obra; o letramento através dos acontecimentos descritos no diário; e a formação de opinião das abordagens temáticas propostas pela autora em seu livro.





2. Sobre a autora

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914 na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, e foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil. Além de escritora, também foi compositora e poetisa.

De origem humilde, Carolina nasceu em uma comunidade rural, filha de pais analfabetos e sofreu maus tratos durante toda sua infância. Aos sete anos, incentivada por uma freguesa de sua mãe, que trabalhava como lavadeira, Carolina passou a frequentar a escola. Entretanto, ela cursou apenas a primeira e segunda séries da educação primária, pois a mãe não possuía meios de sustentar os filhos na cidade e acabou se mudando para o interior. Ainda assim, foi o suficiente para que Carolina aprendesse a ler, escrever e desenvolvesse a paixão pela literatura que permaneceu consigo a vida inteira.

Carolina migrou para a metrópole de São Paulo após a morte da mãe em 1937. Conseguiu emprego na casa do médico cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini, que possuía uma biblioteca onde Carolina gostava de passar seus dias de folga, alimentando sua paixão pelos livros. Porém, ao engravidar, não pode mais trabalhar naquela casa e acabou instalando-se na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo. Construiu seu próprio barracão usando madeira, lata, papelão e qualquer outro material que pudesse utilizar, e começou a trabalhar como catadora de papel, saindo normalmente à noite para recolher o material que encontrasse pela cidade. Com o pouco dinheiro que conseguia em suas expedições, Carolina criou naquele barracão seus três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice.





Por acreditar que nenhum homem jamais entenderia sua paixão pela literatura e por não querer se tornar uma mulher submissa, Carolina jamais se casou. Seus três filhos foram frutos de relacionamentos diferentes. Carolina começou a escrever seus diários assim que mudou-se para a favela, registrando o cotidiano dos favelados em cadernos que encontrava dentre o material que recolhia.

Ao todo escreveu mais de vinte diários. Seu livro mais famoso, *Quarto de Despejo* – Diário de uma favelada, resultou de um de seus diários, escrito em 1955. De maneira crua, e ao mesmo tempo poética, Carolina constrói sua narrativa sobre a vida difícil na favela, abordando temas que vão desde a humilhação sofrida pelos favelados a digressões psicológicas, como o suicídio. Os diários de Carolina foram encontrados pelo jornalista Audálio Dantas, que buscava fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé.

Ao ter acesso ao material escrito por Carolina, o jornalista, impressionado pela habilidosa expressividade da autora, decidiu ajudá-la a publicar seu primeiro livro.

Com a publicação da obra e o sucesso proveniente dela, Carolina deixou a favela e se mudou para um sítio. Porém, acabou voltando à condição de catadora de papel anos depois. Carolina faleceu no dia 13 de fevereiro de 1977, vítima de insuficiência respiratória.



Fonte: Google Imagens





3. Figuras de linguagem

*A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que se encerra.
-Carolina Maria de Jesus.*

A obra de Carolina Maria de Jesus é narrada e vivida pela mesma pessoa: a autora, ambientado na favela do Candidé na grande São Paulo, ela traz marcas de oralidade que se apresentam durante o corpo do texto, no qual podemos notar, algumas vezes, a grafia fora dos padrões cultos da língua, fato explicado pelas condições sociais da autora.

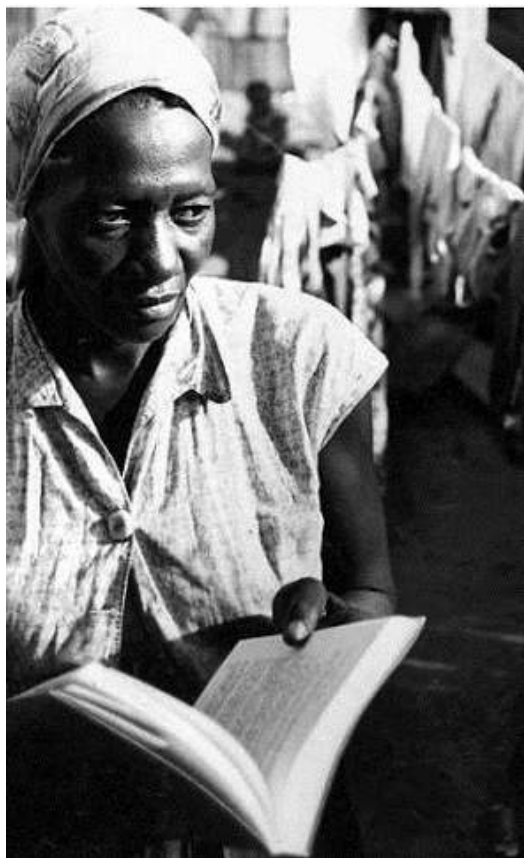
Resumidamente, o texto de Carolina Maria de Jesus pode ser caracterizado como um diário da década de 1950, em que a autora retrata a realidade nua e crua dos favelados de Canindé, bem como sua rotina ferrenha devido a suas condições. É importante lembrarmos que Carolina foi o retrato caricato da mulher negra periférica brasileira. Mãe, favelada, catadora de papel e sucatas. O que a diferenciava era a sua vontade de escrever, de colocar no papel suas aflições, suas denúncias referentes às condições miseráveis de seu povo e sua realidade juntamente com eles.

Se olharmos de uma forma mais atenta, logo perceberemos a presença de alguns recursos da língua portuguesa que servirão para enriquecer o texto, são eles: as figuras de linguagens.





O título da obra, por exemplo, nada mais é do que uma metáfora a respeito das diferentes classes moradoras de São Paulo, sendo o centro da cidade como uma sala de estar, mobilhada, com lustres de cristais, tapetes de veludo e móveis caros. E a favela, como um local que reunia tudo aquilo que era considerado dispensável, inutilizável, ou seja, digno de estar em um “quarto de despejo”. Essa metáfora, muito bem articulada pela autora, serve para desenhar durante o enredo de seu diário um desabafo comovente a respeito e uma das maiores mazelas da humanidade, a fome. Sendo esta uma das palavras que ganham destaque na obra. Sua escrita fazia também muitas denúncias à política da época, opinava soluções e criticava a regência do então presidente, Juscelino Kubitschek. Sua opinião era que “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.” (JESUS, 2014[1960],p. 28).



A escrita de Carolina Maria é muito rica, a utilização do recurso poético dessas metáforas convida-nos a repensar a respeito da importância desses signos linguísticos. A polissemia presente em sua escrita é outro recurso relevante para o estudo literário da obra, uma vez que a autora brinca com os diversos sentidos de uma mesma palavra.





Para exemplificar de uma forma mais específica, apresentaremos a seguir alguns traços de oralidade perceptíveis na escrita da autora:

Fragmento A. “Muito inteligente. Mas não tem **indução**. É um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador.” (JESUS, 2007, p. 15). Nesta passagem do livro, o termo em negrito não é caracterizado como um erro de escrita, e sim como um traço de oralidade, uma vez que a palavra “indução” é equivalente a ação, processo ou efeito de induzir, e no texto está empregado com o sentido de “educação”.

Fragmento B. “Comecei a escrever o que observava daquela **agromeração**.” (JESUS, 2007, p. 69). Aqui, existe outro traço de oralidade bastante pertinente: a troca dos fonemas “l” por “e”. Este é um acontecimento bastante corriqueiro na linguagem falada, principalmente por aqueles que não têm tanto contato com a linguagem mais padronizada.

Constatamos, então, que as figuras de linguagem e marcas de oralidade empregadas pela autora enriquecem de forma significativa sua escrita. Isso faz com que seja reforçada a veracidade de seus relatos, sendo assim, a linguagem utilizada reflete a realidade cotidiana da autora em sua posição de ser humano desprivilegiado. Sua seleção de palavras é capaz de nos projetar na situação na qual ela se encontrava. Sendo assim, somos transportados para uma realidade cruel e difícil de ser digerida, e isso é apenas uma das diversas demonstrações de como a literatura é capaz de nos encantar, de nos fazer vivenciar outras experiências, outras vidas. Carolina Maria de Jesus, presente!





4. Combatendo preconceitos

Acreditamos que escola tenha um papel fundamental na discussão e reflexão de vários aspectos sociais. Através dos diversos conteúdos e atividades, é possível oportunizar aos alunos uma viagem ao mundo das literaturas afro, como o caso da Carolina de Jesus.

Ainda são raros os materiais didáticos que apresentam autores da Literatura Africana e Afro-brasileira, sobretudo, nos primeiros capítulos dos livros didáticos, os mais comumente e possivelmente trabalhado pelos professores, dado, também, ao calendário escolar. Essa situação acaba por favorecer o desconhecimento desse mundo cultural e estético por parte dos alunos.

A esse respeito, Backes e Rosa (2011) destacam, por exemplo, que através do ensino da literatura africana nas escolas, teremos a valorização do negro brasileiro e de sua cultura, pois terá o conhecimento de sua origem, de sua história, e, com isso, talvez poderá se aplacar o preconceito racial contra a pessoa negra nas escolas e na sociedade em geral. Se quisermos ser respeitados, é necessário que nos conheçamos e saibamos de onde se deu a nossa origem. Conhecer a própria cultura ajuda-nos a conhecer e a respeitar as diferenças existentes e, a valorizar o outro.

Com isso, sabendo da importância que a mesma possui, podem ser sugeridas atividades (extras ou não), para a melhor inclusão dessa Literatura na sala de aula. Atividades como: roda de conversas, músicas, teatros, trabalhar palavras e dialetos, comida, e etc.

As rodas de conversa são de extrema importância, fazendo com que possa ser trabalhada a importância de expressar-se, aprender ouvir o outro. A música pode ser trabalhada, trazendo a diversidade encontrada em várias culturas, assim como a comida.



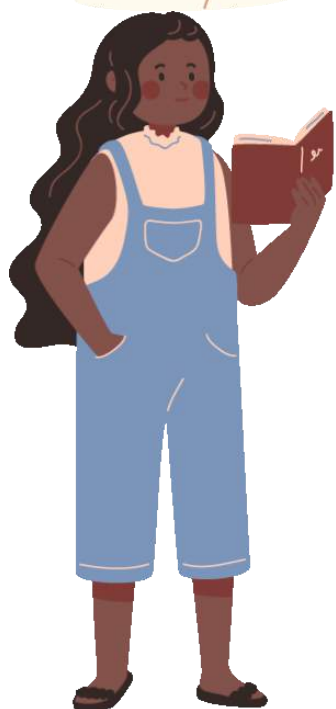


Para conhecer um pouco mais sobre Carolina de Jesus, sugerimos que assistam ao documentário produzido pelo Canal Futura sobre a autora. Disponível em: [Carolina de Jesus, fenômeno editorial no início dos anos de 1960 - Jornal Futura - Canal Futura.](#)

Atividades



1- Considerando a leitura da obra **Quarto de despejo - diário de uma favelada**, transcreva em um documento a parte os trechos que mais lhe chamaram atenção. Em seguida, releia-os e, como Carolina, registre seus sentimentos e memórias suscitados pelos escritos da autora. Sugerimos que essa atividade seja realizada ao longo de duas semanas e tenha como culminância uma roda de leitura em todos possam compartilhar sus registros.



2- Disponibilizamos abaixo dois links referentes a um documentário produzido pela TVE, do RS, sobre Carolina de Jesus. Pedimos que, após assistirem aos vídeos, reúnam-se em grupos e produzam infográficos no Canva, sobre a autora e sua biografia. O objetivo é que os infográficos deem visibilidade a trajetória da escritora, enfatizando as problemáticas vividas por ela. Ao final, sugerimos que todas as equipes socializem seus infográficos com a turma.

Parte I - <https://youtu.be/E5V8SvEN2II>;

Parte II - <https://youtu.be/EDYxWzhlFfw>



QUARTO DE DESPEJO

OBRA

CAROLINA MARIA DE JESUS

- **LEITURA OBRIGÁTORIA PELA UNICAMP 2019**
- AUTORA NEGRA - MULHER
- TEMAS BASTANTE DELICADOS

AMBIENTAÇÃO

SITUAÇÃO DE VIDA PRECÁRIA

- FAVELA DO CANINDÉ - SP
- DÉCADA DE 50
- GEOGRAFICAMENTE LOCALIZADA ONDE HOJE É A MARGEM DO RIO TIETÊ

ENTRELINHAS

FORTES CRÍTICAS AO GOVERNO

- CAROLINA DENUNCIAVA AS CONDIÇÕES EM QUE VIVIA
- GRANDE PARTE DA OBRA RETRATA A FOME



6 . Referências

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 1999.

_____. **O diário como utopia: Quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008. Disponível em: http://www.cbc.ufms.br/tedesimplificado/tde_arquivos/13/TDE-2008-0820T142839Z209/Publico/LeticiaTMLE.pdf. Acesso em: 25 de Outubro de 2020.

COUTINHO, E. F. **Literatura Comparada na América Latina: ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

CRUZ, Amaral Cristiane. TINTIN, Ricelle Fernandes Queiroz. PEREIRA, Ana Santana Souza de Fontes. **Literáfrica: inserção cultural através da literatura**. Disponível em: [file:///C:/Users/Maria/Downloads/122-Texto%20do%20artigo-344-1-10-20111226%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Maria/Downloads/122-Texto%20do%20artigo-344-1-10-20111226%20(2).pdf)

DANTAS, A. **A atualidade do mundo de Carolina**. In___ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1993.

FRAZÃO, Dilva. **Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/. Acesso em: 12 out 2020. (JESUS, 2014[1960], Quarto de Despejo)

MARINHO, Fernando. **Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em: 12 out 2020.

SOUZA, Gabriela Alves de Oliveira. VIEIRA, Wellington Neves. **O ensino da literatura afro-brasileira como objeto de Transformação social**. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2016/o_ensino_da_literatura_afro_brasileira_como_objetivo_de_transformacao_social.pdf

SANTOS. Margareth Maura. **A Cultura e a Literatura Afro-Brasileira em sala de aula**. Revista Magistro.





Cintia de Sousa Oliveira

Edinaide Pereira da Silva

Luciara Silva Texeira,

Maria das Graças da Silva Rocha dos Reis

Ana Patricia Sá Martins

1. Apresentação

Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente do dia em que a chamaram de feminista pela primeira vez. Segundo a autora, foi durante uma discussão com seu amigo de infância Koloma. "Não era um elogio. 'Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: Você apoia o terrorismo!'" Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e - em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "antiafricanas" e que odeiam homens e maquiagem - começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio preciso e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para mostrar que muito ainda precisa ser feito até que alcancemos a igualdade de gênero. Segundo ela, tal igualdade diz respeito a todos, homens e mulheres, pois será libertadora para todos: meninas poderão assumir sua identidade, ignorando a expectativa alheia, mas também os meninos poderão crescer livres, sem ter que se enquadrar em estereótipos de masculinidade.



Chimamanda Ngozi Adichie, escritora, nascida em 15 de setembro de 1977, em Enugu, na Nigéria.





2. Conhecendo a autora e sua obra

Conforme informações catalogadas pelo projeto coordenado pelo professor Dr. José Rivair Macedo, da UFRG, intitulado **Biografias de mulheres africanas**, Chimamanda Ngozi Adichie é uma "escritora criativa nigeriana e ensaísta, com envolvimento e liderança no pensamento feminista. Nasceu em Enugu, de uma família de origem Igbo da cidade de Abba, no Estado de Anambra, mas cresceu em Nsukka. O pai era professor de Estatística na Universidade da Nigéria e mais tarde tornou-se vice-chanceler adjunto da instituição, enquanto a mãe era graduada em Sociologia e tabeliã".



Chimamanda Ngozi Adichie

Fonte da imagem: Howard County Library System. 24 de mar. de 2014.
Flickr: Howard County Library System. Disponível em:
<https://flic.kr/p/msHRbm>. Acesso em: 11 de dez. de 2020.

Segundo informações disponíveis no site do projeto, Adichie completou sua formação na Universidade Escola da Nigéria, vencendo diversos prêmios por excelência acadêmica. Ela estudou Farmácia e Medicina na universidade por um ano e meio, mas rapidamente percebeu que não queria seguir esta carreira. Desde a juventude escreveu algumas peças e obras em prosa, sendo influenciada pela escritora inglesa Enid Blynton, mas sobretudo pelos romancistas africanos Chinua Achebe, seu conterrâneo, e Câmara Laye, que oferecera a ela perspectivas de pensar a africanidade.



O livro “Sejamos todos feministas”, da nigeriana Chimamanda Adichie, foi o quinto livro escrito pela autora. Trata-se de uma adaptação do discurso feito por ela no TEDx Euston em Londres no ano de 2012, com mais de seis milhões de visualizações no You Tube.

A obra foi publicada pela primeira vez em 2014, pela Fourth Estate. O áudio da palestra de Adichie teve alguns de seus trechos inseridos na música “Flawless” em 2013 pela cantora Beyonce. Adichie conta experiências pessoais e reflexões sobre o significado do feminismo para o século 21.

A autora começa contando sobre o seu primeiro contato com o movimento feminista, que lhe fora posto negativamente, pois as pessoas que desconhecem o movimento tendem a pré-julgar e acham que é sobre odiar o gênero masculino. No decorrer do texto, Adichie vai provando com argumentos que o feminismo não é isso, mas que é a busca por valorização feminina, igualdade social e política de ambos os sexos. *“Conheço uma mulher que tem o mesmo diploma e o mesmo emprego que o marido. Quando eles chegam em casa do trabalho, a ela cabe a maior parte das tarefas domésticas, como ocorre em muitos casamentos. Mas, o que me surpreende é que sempre que ele troca a fralda do bebê, ela fica agradecida. Por que ela não se dá conta de que é normal e natural que ele ajude a cuidar do filho?”*

Adichie revela situações, nas quais, pelo fato de ser negra, nigeriana e mulher, sofreu o peso do machismo. Situações estas que a teriam influenciado a posicionar-se mais enfaticamente na luta contra a desigualdade entre gêneros e raça. É quando, então, posiciona-se como feminista.

O livro é de fácil leitura e para quem ainda não sabe o significado de ser feminista essa é uma boa leitura, pois mudará muito seu pensamento. “As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.” (ADICHIE, 2015,p 48).



4. Quebrando Preconceitos

1- Abaixo, seguem alguns trechos da obra *Sejamos todos feministas*.

Considerando o contexto da obra, identifique as figuras de linguagem existentes em cada trecho e explique, com em sua leitura literária, o sentido da frase:

a- “Metralhávamos opiniões imaturas sobre livros que havíamos lido”.

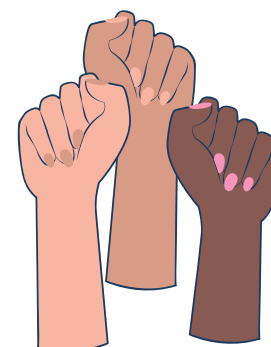
b- “Passei boa parte da juventude devorando romances”.

c- “Percebi então, pela expressão do meu amigo, que a ficha tinha caído”.

2- Pesquise no dicionário os significados da palavra *Feminista*. Em seguida, produza um um folder em equipe com seus colegas, utilizando imagens e palavras, no qual vocês exponham a concepção de vocês sobre ser feminista e qual a importância disso nas relações sociais. Todos os folders devem ser expostos na sala para apreciação da turma.

3- Imagine a situação se os professores escolhessem apenas os meninos para serem líderes de classe, mesmo as meninas se esforçando muito para tal título e tirando boas notas. Isso seria uma forma de exclusão? Em sua opinião como poderia acabar com isso? Produza um pequeno texto como manifesto revelando e argumentando sua opinião.

4- De acordo com a Constituição Brasileira e a Lei dos Direitos Humanos, todo os seres humanos são iguais e merecem o mesmo respeito. Porém, será que é isso que observamos em nosso dia a dia? Justifique sua resposta e dê exemplos dessa situação. Para isso, sugerimos que produzam podcasts e compartilhe com seus colegas de turma.





5- Divida a turma em dois grandes grupos: um formado só por meninos e outro só por meninas. Cada grupo deverá escrever em uma lista profissões que, em sua opinião, sejam "melhor executadas por homens" e "melhor executada por mulheres". Em seguida, cada grupo deverá escolher alguém para ler em voz alta as listas construídas por seu grupo.

Após a leitura das respectivas listas, a turma pode discutir pontos em comum e de divergência entre os grupos. Por fim, cada grupo produzirá uma redação dissertativa, argumentando sobre a temática *Desvalorização feminina no mercado de trabalho*. As redações deverão ser lidas para a turma toda.

Momento de reflexão:

O feminismo é importante?

O movimento consegue acabar com algum preconceito?

Qualquer pessoa que veja que existem diferenças sem explicações entre homens e mulheres é uma pessoa feminista?

Se o feminismo não existisse como seria o mundo?

Todas as mulheres são feministas?

Homens também são feministas?

Essas questões são para ser debatidas entre a classe e após a discussão o aluno deverá ser capaz de se posicionar se o movimento é importante e por que ele é importante ou não?



5. Algumas Reflexões

O livro aborda "n" questões que se faz presente desde praticamente a existência do homem. A mulher sempre vista como inferior ao homem. Podemos perceber que a obra foi escrita em 2012, mas por trás de sua contemporaneidade, é perceptível que é uma luta vinda de séculos atrás, e que vem conquistando mais voz e poder (ainda bem), e por ser uma luta, se perpetuará por muitos anos, porém sempre com mais posicionamentos, embasamentos, membros e justiça.

O interessante é que Chimamanda Ngozi Adichie nós faz refletir nas causas que realmente importam para as mulheres irem em busca de por igualdade. Uma igualdade justa e que não fere a honra das mulheres e nem devalorizam a causa. Chimamanda nos traz a tona o valor e a necessidade de nos impor diante dessa desigualdade plantada na sociedade em muitas as áreas em que a mulher não é bem vinda e não deve fazer parte. Sabe-se que apesar de muitos direitos alcançados pelas mulheres que lhes foram negados por séculos, é de suma importância dar cada dia mais voz e visibilidade para causa e a luta.

A autora nos presenteia com com várias abordagens sobre o que é realmente o feminismo e ser feminista. Ela ainda ensina a importância de nos disciplinar frente as duras e conflituosas adversidades que as mulheres passam apenas por ser mulheres . A necessidade de se posicionar desde a infância, de se permitir lutar e acreditar que o poder do conhecimento pode e é extremamente capaz de fazer a diferença no mundo.



Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Companhia das Letras, 2012.

HERCULANO, Paulo. Caderno de Língua Portuguesa: **leitura e interpretação de texto**. Universidade Federal do Amapá. Macapá, 2017.

SILVA, Deni Iuri; VALDEZ, Nataly Lemez. **Sejamos todos feministas de Chimamanda** Nzogi Adichie. Caderno Espaço Feminino. Urbelândia, n.1, v.31, 2018.

ÚRSULA



MARIA FIRMINA DOS REIS



Anne Rayssa de Sousa Brito Callegaro

Irismar Chaves Leal

Janaína Moraes de Brito

Jéssica Dias dos Reis

Maria Jordânia Lopes dos Santos

Ana Patrícia Sá Martins

1. Apresentação

Mulher, negra, filha de escrava, Maria Firmina dos Reis foi uma figura a frente de seu tempo. Uma mulher ativa e querida na sua comunidade se tornou professora e através da sua profissão trouxe benefícios para sua comunidade, revolucionando a educação para seu corpo social.

Levou anos para conseguir publicar seu primeiro livro, *Úrsula*. Isso porque, além de ser mulher e negra a escravidão ainda imperava no Brasil. Maria Firmina dos Reis entrou para história da literatura brasileira sendo considerada a primeira romancista do Brasil.

Neste capítulo iremos abordar a obra *Úrsula* e a trajetória da autora. Entender porque esta escritora é tão importante para a literatura nacional. O romance *Úrsula* levanta questões atuais e nos leva a refletir sobre temas como: racismo e o lugar da mulher negra na sociedade. Obra e autora causam impacto sobre o leitor: é uma mulher negra, filha de escrava, nordestina e maranhense nos contando uma história sobre pessoas negras escravizadas que indagam sobre a liberdade, um livro com uma narrativa assumidamente abolicionista escrito em uma época em que questões raciais e de gênero eram tabus na sociedade. Apesar do romance ser pautado na heroína branca, a autora ressalta o tema da escravidão que denuncia as injustiças existentes na sociedade daquela época onde o negro escravo e a mulher negra eram as principais vítimas.



Fonte: Google imagem



2. Conhecendo autor e obra

Nascida em 11 de Outubro de 1822, na cidade de São Luís, a escritora maranhense é considerada a primeira romancista brasileira. Filha de mãe escrava e pai desconhecido, Maria Firmina de fato era uma mulher singular, sendo autodidata, sua educação se deu por meio de leituras, além disso lia e escrevia francês.

Ela foi musicista, contista, romancista, cronista, e exerceu a profissão de professora, sendo aprovada em primeiro lugar para a vaga de mestra régia em um concurso público de 1847. Em 1880, um ano antes de sua aposentadoria, fundou a primeira escola mista do Maranhão e uma das primeiras do Brasil.

A escritora iniciou sua carreira com a publicação de seu romance *Úrsula*, em 1859, com o pseudônimo de *Uma Maranhense* e, apesar de sua escrita única e importante contribuição para a literatura brasileira, a vida da autora ainda é um mistério para os estudiosos. Até hoje não foi encontrado nenhum retrato confiável de seu rosto, o que dá margem a muitas informações falsas a seu respeito; o que se tem são apenas representações idealizadas de sua imagem.

Maria Firmina é uma das milhares de vozes que foram, senão silenciadas, ignoradas por centenas de anos. A autora traz em si mesma bandeiras, discursos e representações que são para além do combate a preconceitos, mas que evidenciam e inspiram aqueles cujo o racismo e a ignorância massacraram e condenaram ao fosso do esquecimento.



Representação mais fírel de Maria Firmina dos Reis, feita por Tony Alves.

Disponível em:

<https://aarteliteraria.wordpress.com/2017/12/02/o-retrato-falso-de-maria-firmina-dos-reis/>



3. Úrsula

O romance gira em torno da história de um triângulo amoroso envolvendo Tancredo, Fernando F. e Úrsula, abordando questões sobre o abolicionismo e é o primeiro livro onde o negro ganha voz, deixa de ser parte da paisagem e se torna um sujeito com pensamentos, sentimentos e voz. Nesta obra, Maria Firmina dos Reis retrata a vida dos negros antes da sua captura e escravidão dando voz a sua personagem velha Suzana, que relata sobre sua vida antes de perder a sua liberdade, contando o momento em que fora capturada pelos selvagens. Observamos uma inversão de olhar, aqueles que foram brutalmente retirados de seu país, do seu povo, que perderam sua liberdade e foram escravizados, passam a contar a história de acordo com suas dolorosas vivências. A obra é considerada o primeiro romance abolicionista do Brasil exatamente por colocar o negro em evidência e lhes proporcionar a voz.



fonte: google imagens

Por estar inserido no período da escola literária Romantismo, a obra traz aspectos referentes ao Romantismo e retoma alguns aspectos do Arcadismo como a fuga para o campo, a busca da liberdade e idealização da mulher amada.



Quadro Escravidão no Brasil, de Jean-Baptiste

Debret (1768-1848) (Foto: Jean-Baptiste Debret/ Wikimedia Commons). Disponível em: <https://portalguara.com/o-retrato-da-escravidao-no-maranhao-no-censo-de-1872/>



4. A leitura literária

Quando Maria Firmina dos Reis publicou *Úrsula*, em 1859, no Brasil acontecia o período literário Romantismo. Dessa forma, as características românticas apresentadas nas obras da autora são as seguintes:

Adjetivação intensa: o uso abundante de adjetivos para qualificar a realidade que descreve. É considerada adjetivação uma figura retórica por si só, que equivale em incorporar vários adjetivos que acompanham um único substantivo.

– Era alta a noite, – prosseguiu ele, com uma voz cavernosa, – o vento ciciava entre os palmares, e a lua, prateando a superfície das águas, passava melancólica por cima destas árvores anosas. A sururina desprendia o seu canto harmonioso; na mata ondulava um vento gemedor, e o mar quebrava-se nas solidões da praia. [...] (REIS, 1859, pag. 156)

Subjetividade: O poeta quer retratar em sua obra uma realidade interior, de uma forma pessoal, de acordo com o que sente, aproximando-se da fantasia:

E um profundo silêncio reinou no quarto da doente; porque cada uma dessas duas mulheres se abandonava a seus pensamentos. Luísa sem dúvida ocupava-se só do porvir de sua filha; esta pelo contrário recordava as doces expressões do cavaleiro, seus votos de amor, e sentia pesar por vê-lo partir. Contudo Úrsula tinha já uma esperança que lhe dava forças para arrostar as dores da vida: amava, e tinha a convicção de ser amada. [...] (REIS, 1859, p. 58)



São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma – branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frisadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos, que mudamente se afagam, e que depois desaparecem para de novo voltarem – os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito. (REIS, 1859, p. 14)

Personagens heroicos: O herói romântico é sempre uma pessoa independente que sofre de circunstâncias da vida sob a pressão da sociedade. Ele quer sair dessa pressão, resistindo a ele:

E as noites que sucederam a esta eram ainda povoadas de sustos e ansiedade: o mancebo continuava a sofrer, e seus amigos redobravam de desvelos, e choravam sobre suas dores. O cavaleiro via-os, escutava-os, e sentia lá no fundo da alma um estranho sentir. Úrsula tornara-se para ele a imagem vaporosa e afagadora de um anjo: e o que se passava naquele coração enfermo só ele o sabia. (REIS, 1859, p. 28)

Mulher idealizada: Motivado pela fantasia e pela imaginação, o artista do romantismo passa a idealizar tudo. A mulher é vista como frágil, submissa, virgem, inatingível, bela e submissa;

Bela como o primeiro raio de esperança, transpunha ela a essa hora mágica da noite o lumiar da porta, em cuja câmara debatia-se entre dores e violenta febre o pobre enfermo. Era ela tão caridosa... Tão bela... E tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos, e melancólicos. Úrsula, com a timidez da corsa, vinha desempenhar à cabeceira desse leito de dores os cuidados que exigia o penoso estado do desconhecido. (REIS, 1859, p. 24)



Amor idealizado: O amor na maioria das vezes é considerado espiritual e inalcançável. As coisas não são vistas de forma real, como realmente são, mas sim, como deveriam ser sob uma ótica pessoal.

— Úrsula, – disse o mancebo, comovido, após de um longo silêncio – devo-vos a fiel narração de minha vida. O homem que vos ama, que vos idolatra, o homem que vos escolhe para sua esposa, não vos deve ocultar a mínima particularidade da sua triste existência; e depois que me tiverdes ouvido, depois que souberdes quem é o cavaleiro que tendes ao vosso lado, dai-lhe o vosso coração, dizei-lhe que o amais, e ele será uma vez feliz, uma só na vida; mas esta felicidade deve ser tão grande, que o seu passado cairá para sempre em um abismo de profundo esquecimento. Porém, Úrsula, se me recusardes essa ventura, a única que almejo, a minha vida tornar-se-á um prolongado martírio, e quem sabe se a poderei suportar!?!... (REIS, 1859, pag. 35)

A autora possui também características próprias como: uso abundante de travessões, exclamações, interrogações e reticências, além da separação do sujeito e do predicado. Observa-se na obra *Úrsula*, durante toda ela, a apropriação da escritora quanto as técnicas ro-



Esquecida por décadas, obra de Maria Firmina só foi recuperada em 1962 pelo historiador paraibano Horácio de Almeida (Arte Revista CULT)
<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>

mancistas, utilizando-as em benefício da dignificação dos oprimidos, principalmente da mulher e do escravo. Como podemos observar no trecho da obra narrado pela personagem Velha Suzana sobre o dia em que fora capturada:

Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão.



Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! *O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar!... Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que nos escaldou e veio dar a morte aos cabeças do motim. A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. Não sei ainda como resisti – é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de sua serva com novos tormentos que aqui me aguardavam.* (REIS, 1859, p. 70-71)

Quanto a formalidade, o texto é narrado em 3ª pessoa, permitindo também que os personagens contêm sua própria história. Os personagens vivem frequentemente em situações extremas, marcadas tanto pelo acaso, quanto por mudanças repentinas no destino. Os desdobramentos acontecem de forma lineares aos acontecimentos.

Inicialmente, o romance desconsidera as questões espaciais e temporais de causa e efeito, manifestando uma distância temporal entre o passado e o presente na narração onde acontece a história. O destaque da narração se dá sobre as inúmeras mudanças temporais que acontecem através das memórias e dos conflitos internos dos personagens.

Saiba mais: Além de Úrsula, a terceira geração do romantismo é recheada de obras abolicionistas. Castro Alves foi um dos maiores nomes, e seu poema mais famoso chama-se Navio Negreiro. Para ler todo o poema acesse: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=1786&co_midia=2



5. Combatendo preconceitos

“É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!” (REIS, 1859, p. 71)

A fala acima citada é da personagem Susana, a escrava e negra que ganhou voz dentro da narrativa, sendo um espaço pouco explorado nas literaturas daquela época, já que a obra retratada traz um tema abolicionista, a ênfase com que ela fala é de extrema importância, pois o ato da escravidão é um dos mais desumanos que já aconteceu e que ainda sofremos reflexos, pois com a escravidão veio junto o racismo, um assunto bastante comentado e de importância para refletirmos sobre.

Atividades



Que tal dialogarmos sobre situações ocorridas e relatadas nas mídias da sociedade contemporânea referente ao racismo?



Você já sofreu ou presenciou um ato de racismo? Qual foi sua reação?



Façam uma pesquisa usando como enfoque os seguintes temas:

- **Pessoas que já sofreram racismo no âmbito educacional;**
- **Relatos de pessoas que presenciaram racismo;**
- **Pessoas que se auto inferiorizam racialmente;**
- **As dificuldades da mulher negra na sociedade atual;**
- **A falta de empatia relacionada ao ato do racismo.**

Proposta de desenvolvimento:

Vocês podem fazer um roteiro de apresentação, para ficar mais organizado, fazerem a utilização de slides, vídeos, consultar dados percentuais referentes as temáticas (desigualdades, racismos, casos que tiveram grande repercussão na mídia nacional/mundial), encenações baseadas no tema ou até mesmo no livro *Úrsula*.

Após as reflexões levantadas e materiais colhidos a turma poderá fazer uma apresentação em sala de aula e até mesmo realizar um seminário para toda a escola.



06. Algumas reflexões

De acordo com a época, apenas a minoria desfrutava dos estudos, mas Maria Firmina dos Reis conseguiu ultrapassar obstáculos e escrever vários trabalhos literários. Você conheceu neste capítulo a obra *Úrsula*, publicada em 1859. Tal obra é considerada o primeiro romance abolicionista brasileiro, cuja autoria foi de uma mulher negra. O romance descreve um amor impossível, no entanto outro aspecto pode ser mencionado: a escravidão. Pela primeira vez na história brasileira têm-se uma narrativa que retrata as injustiças e dores sofridas cotidianamente por homens e mulheres escravos.



Desse modo, a obra *Úrsula* pode ser assistida como um Romance crítico, onde o eu poético busca cumprir uma função social, concedendo vozes ao contexto menosprezado.

Portanto, pode-se enxergar o quão a literatura destacada é um importante documento. Através dela, é possível conhecer culturas, injustiças e sofrimentos de um passado que não encontra-se distante. Nos dias atuais a escravidão brasileira não faz parte do contexto, mas o preconceito e a indiferença em relação a cor da pele, sim. Portanto, a partir deste conhecimento, podemos construir um mundo melhor, proporcionando vozes, aos seres que sofrem e lutando contra o racismo, assim como em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.



07. Referências

GUIMARÃES, Leandro. **Maria Firmina dos Reis**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/maria-firmina-dos-reis.htm>. Acesso em 01. Nov. 2020.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras** [recurso eletrônico] – 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/35999/ursula_obras_reis.pdf%3Fsequence%3D1&ved=2ahUKEwj89Ptr9PvAhXUG7kGHScIbKIQFjABegQIAxAC&usg=AOvVaw3RSNQ9KR0VR1Nc5-Wvwnjv&csid=1616948098609. Acesso em: 03. Ago. 2020

ROCHA, Paraguassu de Fátima. **A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: Uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vivêncio de Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://1drv.ms/u/s!Aj6kOBkyV630khcEvKdfnFl6K5aP?e=NpbeKs>. Acesso em: 23. Out. 2020

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. **Um olhar sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Literafro. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/321-um-olhar-sobre-o-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-critica>. Acesso em 01. Nov. 2020



SOUZA, Warley. **Maria Firmina dos Reis**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/maria-firmina-dos-reis.htm>.

XIMENES, Sérgio Barcellos. **O retrato falso de Maria Firmina dos Reis**. <https://medium.com/@sergiobximenes/o-retrato-falso-de-maria-firmina-dos-reis-e9cab7f51e9d>

